ABIMED

Vi-TECH

WWW.ABIMED.ORG.BR | EDIÇÃO 4 • 2022

Vida e Tecnologia

ALTA DA INDÚSTRIA

ABIMED aponta recuperação do setor de medical devices

CIBERSEGURANÇA

A importância da Gestão da Segurança da Informação

ESG

Novo Movimento do Pacto Global da ONU

WEARABLES

Dispositivos vestíveis ganham importância nos cuidados de saúde

DOENÇAS CARDIOVASCULARES

Gaps e perspectivas para 2030

Vi-TECH | WWW.ABIMED.ORG.BR | EDIÇÃO 4 • 2022 | ABIMED

ABIMED
TECNOLOGIA. SAÚDE. VIDA.

PULSANDO
PELA VIDA

O EVENTO QUE REUNIU ESPECIALISTAS PARA DEBATEREM O CENÁRIO PREOCUPANTE DAS DOENÇAS CARDÍACAS NO BRASIL

Promovido pela ABIMED, o evento "Setembro Vermelho: Pulsando pela Vida", trouxe o debate de diversas visões e uma oportunidade de voz a diferentes áreas que trabalham pela prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças e agravos cardiovasculares.

Participaram dos painéis os principais representantes das mais importantes entidades nacionais relacionadas à saúde cardiovascular.

Para conferir o evento na íntegra,
acesse o youtube da ABIMED

Patrocinadores

Medtronic
Edwards
BIOTRONIK excellence for life
Boston Scientific
Promovendo o avanço da ciência para a preservação da vida™

Fotos: Cléber de Paula

Realização

ABiMED
TECNOLOGIA. SAÚDE. VIDA.

ÍNDICE

06_ *MENSAGEM DO PRESIDENTE*
Setor de dispositivos médicos segue em processo de recuperação da crise da pandemia de Covid-19.

08_ *ENTREVISTA*
Marcos Sêmola, sócio de Cibersegurança da EY, lança a edição atualizada do livro "Gestão da Segurança da Informação: Uma Visão Executiva". Confira os principais pontos abordados.

14_ *RELATÓRIO SETORIAL ABIMED*
Estudo estima crescimento de 11% no total de dispositivos médicos importados em 2022 e acréscimo de 30% na produção nacional.

28_ *REPORTAGEM DE CAPA*
Um dos segmentos que mais crescem na indústria de tecnologia, os wearables ganham importância nos cuidados de saúde e prometem impulsionar a saúde digital.

36_ *TECNOLOGIA E INOVAÇÃO*
Pesquisa da Deloitte mostra os impactos da tecnologia para uma medicina que se moderniza e as novas formas de interação com os pacientes.

42_ *TECNOLOGIA E INOVAÇÃO*
Desafios da cibersegurança: ataques às instituições de saúde crescem 64%. Conheça as principais vulnerabilidades.

46_ *SETEMBRO VERMELHO*
Pulsando pela Vida: Evento analisa o cenário das doenças e agravos cardiovasculares, gaps e perspectivas para 2030.

52_ *ÉTICA E COMPLIANCE*
Eduardo Winston Silva, do Instituto Ética Saúde, defende atuação íntegra como fator estratégico de sucesso para a evolução da saúde no Brasil.

56_ *POLÍTICA*
Eleições: Antônio Britto, diretor-executivo da Anahp, explica por que o setor privado precisa organizar-se e dialogar com todos os segmentos.

60_ *ESG*
Com princípios de reparar, reutilizar e reciclar, empresas e academia se unem em novo Movimento do Pacto Global da ONU no Brasil.

64_ *EDUCAÇÃO*
ABIMED lança projeto de Educação Continuada. Iniciativa apresenta primeiros cursos de extensão.

68_ *GESTÃO DE PESSOAS*
Salário digno e saúde mental: por que se engajar? Estudo publicado pela FGV apresenta as principais vantagens.

70_ *HISTÓRIAS QUE INSPIRAM*
Paraplégico há cinco anos, o empreendedor Vitor Hugo Quadros abre empresa com produtos para pessoas com deficiência e torna-se um exemplo de superação e independência.

RECUPERAÇÃO DA INDÚSTRIA MÉDICA

FERNANDO SILVEIRA FILHO

Em mais um estudo setorial, ABIMED apresenta as boas perspectivas para a indústria de dispositivos médicos na consolidação do ano de 2022

A indústria de tecnologia para a saúde deverá encerrar 2022 com números positivos. Em mais um estudo setorial, a **ABIMED** analisou as perspectivas de fechamento para o ano de 2022, retratando o mercado da saúde em números e as contribuições do setor para a economia do Brasil. O relatório aponta que o mercado brasileiro de equipamentos, dispositivos e insumos médico-hospitalares seguiu o curso de recuperação após o choque pandêmico inicial.

A estimativa é de que haja um crescimento de 11% no total de dispositivos médicos importados, que a produção nacional tenha um acréscimo de 30% e o consumo aparente, de 15%. O estudo prevê também um movimento de fortalecimento da indústria interna do segmento de OPME. São boas notícias que refletem o esforço e o investimento do setor nos últimos meses. Em nosso levantamento trimestral, 88% das empresas do setor de dispositivos médicos indicaram a intenção de aumentar os investimentos ainda neste ano.

E as oportunidades não param. É o que mostra a quarta edição da **Vi-Tech**. A reportagem de capa apresenta o crescimento dos dispositivos vestíveis na saúde. Um dos segmentos que mais crescem na indústria de tecnologia, os wearables ganham importância no setor de healthcare e prometem ser a chave para impulsionar a saúde digital. Pesquisas mostram que o mercado global de dispositivos vestíveis voltados à saúde deve saltar para US$ 30,1 bilhões até 2026, contra os US$ 16,2 bilhões em 2021. De acordo com a Deloitte, 320 milhões de wearables de saúde serão vendidos globalmente em 2022.

Esse avanço vem acompanhado também de desafios. Um dos principais diz respeito à cibersegurança. Durante a pandemia, hospitais, clínicas e outras instituições de saúde tiveram o forte impacto da digitalização. Porém, a mudança dos serviços para o mundo virtual não foi acompanhada por investimentos em infraestrutura e segurança, o que deixou o setor ainda mais suscetível a ciberataques. A pesquisa "Geostrategic Outlook 2022", da EY, mostra que houve um aumento de 300%, de 2020 para 2021, na quanti-

dade de ataques cibernéticos no mundo. Em 2023, a estimativa é que o valor pago em resgates ultrapasse US$ 34 bilhões no ano – um crescimento de 73% quando comparado com 2021. Além do cenário da cibersegurança na saúde, a edição traz também uma entrevista com Marcos Sêmola, sócio de cibersegurança da EY. Consultor, especialista em governança, risco e conformidade, e membro fundador do Conselho Empresarial Brasileiro para a Segurança Cibernética, ele aborda a Gestão da Segurança da Informação com uma visão executiva.

A edição traz também as ações propositivas que a ABIMED tem realizado nos últimos meses para melhorar o ambiente de negócios do setor de saúde e propiciar maior acesso por parte da população às tecnologias médicas. Entre elas, a realização do evento "Pulsando pela Vida", em comemoração ao Setembro Vermelho, analisa o cenário das doenças e agravos cardiovasculares, gaps e perspectivas para 2030. Um outro destaque é o lançamento do Campus ABIMED, projeto de educação continuada que visa a qualificação especializada do setor de dispositivos médicos. O projeto faz parte de ações da associação relacionadas ao seu eixo estratégico de Educação e irá abranger todas as esferas de atuação, das áreas operacionais às de gestão.

Boa leitura!

FERNANDO SILVEIRA FILHO
PRESIDENTE-EXECUTIVO DA ABIMED

ENTREVISTA

GESTÃO DA SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO

Uma Visão Executiva para a gestão dos riscos cibernéticos

ATAQUES CIBERNÉTICOS que comprometem empresas e órgãos públicos cresceram nos últimos anos, especialmente durante a pandemia de Covid-19. Um estudo da consultoria **EY - Ernst & Young**, "How Covid-19 is impacting future investment in security and privacy", mostrou que houve um aumento de 300% desse tipo de ocorrência em relação aos meses pré-pandemia. Os criminosos estão aproveitando as lacunas de segurança entre pessoas, tecnologias e processos para promover ataques mais sofisticados, como ransomware, phishing, malware e ataque de DDoS.

"As áreas de gestão de riscos de segurança não acompanharam o ritmo evolutivo das ameaças. Não tiveram chance ou tempo de se estruturarem para, agora, estarem mais confortáveis diante do enorme volume e sofisticação dos ataques, que são orquestrados multipaís",

Duda Bairros

explica **Marcos Sêmola**, sócio de Cibersegurança da EY.

Consultor especialista em governança, risco e conformidade, e membro fundador do Conselho Empresarial Brasileiro para Segurança Cibernética, Sêmola acaba de lançar a versão em inglês e atualizada do livro "Gestão da Segurança da Informação – Uma visão Executiva", que pode ser baixado gratuitamente pelo link https://www.infosecuritybook.com. "Operamos em um mundo globalizado. Os problemas atravessam fronteiras e as empresas precisam harmonizar suas áreas de segurança da informação, para que elas possam manter sua eficiência além dos perímetros geográficos. Por isso, houve uma atualização e essa versão em inglês", afirma.

Sêmola explica que o livro apresenta, de forma direta e didática, como a gestão de riscos deve ser elaborada de maneira eficaz na adoção de controles físicos, tecnológicos e humanos de maneira personalizada e integrada. Dessa forma, as empresas podem reduzir e administrar riscos, operando em um nível de segurança adequado ao negócio.

Qual é o principal problema das empresas em relação aos ataques cibernéticos?

As empresas não deram a atenção devida à fase estruturante de sua governança de riscos nos últimos 20 anos e agora se veem com o seguinte dilema: apagar incêndios e estruturar o que não foi estruturado. Elas têm essa dicotomia: estão vivendo esse problema de ter de apagar incêndios cada vez mais frequentes, maiores e mais impactantes para seus negócios enquanto têm de corrigir processos básicos de segurança da informação que já poderiam ter feito há muito tempo.
Muitas empresas acreditam que a segurança da informação tem a ver com compra de equipamentos e sistemas caros, como firewalls. Mas o livro mostra que não é bem assim.

Qual é a recomendação?

As empresas precisam desenvolver uma visão integrada dos riscos. Essa visão integrada é uma visão que mistura ameaças físicas, humanas e tecnológicas. O mundo embarca em ondas de tendências, e essas ondas — à medida que as empresas e as pessoas vão repetindo — viram uma verdade absoluta e ninguém mais olha para os demais conceitos.

E quais são eles?

O mundo resolveu denominar a "segurança da informação" de "cybersecurity". Por que o mundo convencionou chamar assim? Porque entende-se que, com o advento da internet, o ciberespaço virou um ambiente comum para as empresas e pessoas, e nesse ambiente as ameaças à segurança da informação se proliferaram. O problema é que, quando você olha para uma empresa e pensa em proteger o negócio, a receita, o lucro, os investidores e os clientes, você não pode pensar apenas no aspecto cyber dessa empresa. Os problemas não se limitam apenas a ataques cibernéticos, apesar de serem populares e cada vez mais volumosos. O livro lembra as empresas e os líderes que o importante é proteger o negócio como um todo, e a maneira de se fazer isso é ter uma visão integrada dos riscos físicos, tecnológicos e humanos. É fundamental tomar ações que organizem a capacidade que a área de segurança de uma empresa tem de ter e desenvolver.

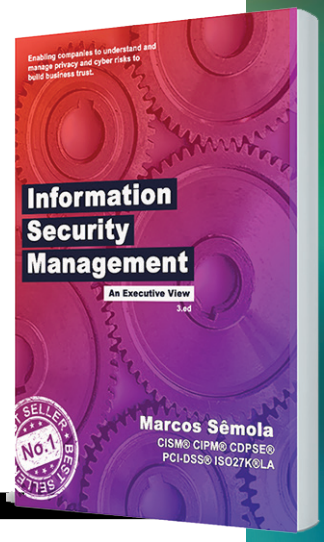
Quais são essas ações que as empresas precisam ter?

Destaco que todas as ações incluem riscos físicos, tecnológicos e humanos. Primeiro, a empresa tem de ser capaz de identificar um risco. Segundo, tem de ser capaz de se proteger a si mesma, seus ativos físicos, tecnológicos e humanos. Terceiro, precisa detectar um risco que está se materializando, ou seja, um risco que está sendo explorado por uma ameaça. Em seguida, tem de responder a essa situação de crise. E, por fim, se as quatro fases anteriores não forem suficientes para impedir o pior, ou seja, o impacto que aquele risco provocou na empresa, ela tem de ser capaz de recuperar os danos e os impactos provocados por aquele risco que não foi evitado.

AS EMPRESAS PRECISAM DESENVOLVER UMA VISÃO INTEGRADA DOS RISCOS QUE ENVOLVEM AMEAÇAS FÍSICAS, HUMANAS E TECNOLÓGICAS

A responsabilidade sobre os riscos cibernéticos está avançando para além das áreas de tecnologia?

Elas sempre avançaram. A área de TI é, sem dúvida, uma das mais relevantes quando se pensa em segurança porque é para lá que os negócios estão levando seus produtos e serviços, produzindo receita e lucro. E é aí que mora o perigo. É como se nós estivéssemos tentando proteger nossa casa e ficássemos preocupados com a internet, o Wi-Fi, e



Faça o download gratuito de "Gestão da Segurança da Informação – Uma visão Executiva" pelo link https://www.infosecuritybook.com

esquecêssemos de proteger a porta física. É como se estivéssemos olhando somente para as portas de acesso digitais e ignorássemos os riscos das demais portas físicas e humanas. Esse é o conceito, e isso não é novo. Então, a mensagem por trás do livro é "back to the basics", ou seja, dar a consciência que as lideranças corporativas precisam para que sejam efetivas na gestão de riscos do negócio, olhando de maneira harmônica para riscos físicos, tecnológicos e humanos, olhando para as cinco funções descritas anteriormente (identificação, proteção, detecção, resposta e recuperação). E, claro, fazer isso de maneira orquestrada.

Como as empresas podem operar em um nível de segurança adequado?

No livro, há um endereçamento dos problemas em cada área. Na segurança da informação, mostro como protegê-la durante todo o seu ciclo de vida, cujas etapas são manuseio, armazenamento, transporte e descarte. É preciso, holisticamente, pensar no negócio, nas informações que têm valor não só nos aspectos físico, tecnológico e humano, mas também nesses quatro momentos do ciclo de vida. É preciso proteger a informação quando ela estiver em trânsito, sendo armazenada, manuseada, e até mesmo quando ela for descartada. Mostro uma visão de que cada problema e cada risco precisa de uma ação específica, mas não sem observar o conjunto, o todo.

As empresas estão com gargalos em que fase desse ciclo?

O maior problema que encontro nas empresas do Brasil e do exterior é que elas falham justamente no que o livro preconiza: entram em um modo de operação para apagar incêndios. É como se você tivesse um problema crônico de colesterol alto e não estivesse se organizando para mudar seu

comportamento, holisticamente falando, como comer melhor e em horários regulados ou fazer exercícios. Isso por desconhecer a importância dessa abordagem holística ou por achar ser tarde demais entra no modo reativo de tratamento dos riscos. Você vai lá e ataca o problema. Toma um remédio. São medidas paliativas que mitigam a consequência, e não a causa. As empresas estão correndo atrás do próprio rabo, tentando sobreviver diante de ataques múltiplos e simultâneos sem ter tido tempo de se estruturar para tratar esses problemas de maneira orquestrada.

Para a empresa que está nesta situação, qual é a sugestão?

Há um descompasso entre as áreas de segurança das empresas e a de negócio. As áreas de negócio impõem a si mesmas um ritmo, uma velocidade que a área de segurança não é capaz de acompanhar porque não está estruturada para tal. Por isso, entram em um modo de apagar incêndios. É inevitável pensar em uma segurança bimodal, um conceito em que terei de ter um time de segurança para a apagar o incêndio (porque ele está acontecendo) e um outro time de segurança que me ajude a construir os alicerces que não foram construídos até agora.

Cibersegurança na Saúde

Leia também a reportagem sobre Cibersegurança na Saúde na página 36.

Indústria em alta

Estudo da **ABIMED estima crescimento** de 11% no total de dispositivos médicos importados em 2022 e acréscimo de 30% na produção nacional

O **SETOR DE DISPOSITIVOS MÉDICOS** segue em processo de recuperação da crise da pandemia de Covid-19, ao mesmo passo da economia brasileira. Relatório Setorial da Associação Brasileira da Indústria de Tecnologia para Saúde **(ABIMED),** realizado pela IN3 Inteligência, mostra que o mercado brasileiro de equipamentos, dispositivos e insumos médico-hospitalares seguiu o curso de recuperação após o choque pandêmico inicial.

O relatório **FOCUS**, emitido pelo Banco Central, mostra que a expectativa do mercado para o crescimento da economia, que no início do ano chegou ao patamar de 0,28%, vem aumentando ao longo dos meses de 2022. Atualmente, espera-se que o PIB tenha um crescimento de 2,02% em relação a 2021. Outro indicador importante da economia brasileira que pode afetar positivamente o mercado de dispositivos médicos é a trajetória da taxa de câmbio, que obteve uma valorização expressiva nos primeiros meses do ano e segue se mantendo em patamares melhores em relação aos últimos meses de 2021.

50%
38%
21%
43%
680.08
-10.86%

Com ambiente econômico favorável, juntamente com a recuperação do nível da demanda por serviços de saúde, a estimativa para 2022 é de que haja um crescimento de 11% no total de dispositivos médicos importados, que a produção nacional tenha um acréscimo de 30% e o consumo aparente de 15%. Para as exportações, a estimativa é de que o nível permaneça estável.

No que tange ao segmento de Órteses, Próteses e Materiais Especiais (OPME), a estimativa é de diminuição no ritmo das importações, com uma queda de 5% no valor total. Para as exportações de OPME, a previsão é mais favorável quando comparada com a expectativa para o mercado de dispositivos médicos como um todo, com um aumento de 11% no valor total, ficando em um patamar superior aos períodos anteriores, inclusive aos dois anos anteriores à pandemia. Consequentemente, espera-se uma diminuição de 13% do déficit da balança comercial do setor. Devido a esse quadro de estimativas para 2022, prevê-se um movimento de fortalecimento da indústria interna do segmento de OPME.

O estudo da ABIMED destaca que é necessário considerar que 2022 é ano de eleição, evento que se configura como um fator que aumenta o nível de incerteza para o cenário econômico nacional, e as agendas políticas decorrentes disso podem atrasar o desenvolvimento da agenda de pautas referente ao setor.

RECUPERAÇÃO

Os dados da série histórica do setor apresentam o ritmo de crescimento e recuperação. Em 2021, registrou-se um aumento de 27% no valor de importações e exportações e um crescimento de 25% no consumo aparente. Já o PIB apresentou uma taxa de crescimento de 4,6% em relação a 2020, e esse crescimento também se refletiu no setor da saúde. De acordo o Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (IESS), a Variação de Custos Médico-Hospitalares no período de setembro de 2020 a setembro de 2021 atingiu o patamar de 27,7%, um grande salto comparado com o período anterior, no qual a variação negativa foi de 3,6%, resultado de um grande aumento na demanda. Segundo o IESS, a variação foi positiva em todos os grupos de procedimentos: exames, internações, consultas, terapias e outros serviços ambulatoriais.

Em se tratando do segmento de OPME, em 2020, com o arrefecimento da demanda para certos procedimentos devido à pandemia e à alta do dólar no período, houve uma queda de 27% no valor das importações e de 14% no valor das exportações. Essa situação se refletiu em uma diminuição de 32% no déficit da balança comercial. Os dados de 2021 já denotam um movimento de recuperação do nível da atividade do segmento, com um aumento de 21% no valor das importações, de 27% exportações (valor superior aos anos de 2018 e 2019) e um consequente aumento no déficit da balança comercial (-18%). Contudo, o nível de atividade ainda permaneceu em um

patamar inferior aos dois anos anteriores à pandemia.

O valor total de procedimentos realizados nos segmentos da ABIMED em 2021 pelo setor público foi de US$ 2 bilhões, maior que em 2020, que foi de US$ 1,8 bilhão, mas ainda menor que os valores pré-pandêmicos de 2018 e 2019, de US$ 2,8 bilhões nos dois anos. Os dados do setor privado ainda não foram disponibilizados pela ANS. No Brasil, São Paulo é o estado que mais demanda procedimentos públicos, seguido por Santa Catarina, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Hospital é o tipo de estabelecimento responsável por 53,5% do valor total de procedimentos públicos em 2022, seguido por clínica e consultório com 21,3% e laboratório com 16,8%. Não há dados disponíveis a respeito do setor privado no período de 2021 e 2022.

ESTUDO ABIMED

O **Relatório Setorial ABIMED** tem como objetivo consolidar informações estratégicas sobre o mercado brasileiro de equipamentos, dispositivos e insumos médico-hospitalares, por meio de análise de bases de dados públicas, com foco nos segmentos de mercado de interesse dos associados da ABIMED, e que compõem a cadeia produtiva da indústria de tecnologia para saúde no país. Para melhor analisar e entender o mercado, foram selecionados 474 NCMs (Nomenclatura Comum do Mercosul) e 1.600 procedimentos referentes à saúde pública e 2.742 referentes à saúde privada relacionados aos segmentos pesquisados.

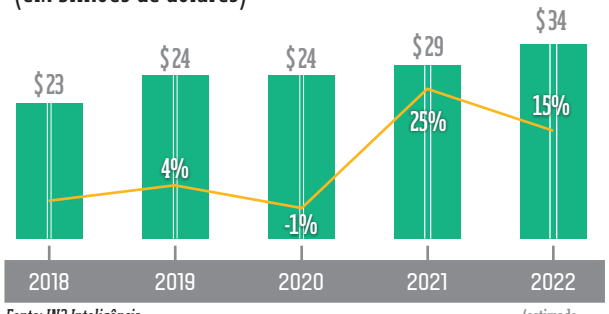
O estudo envolve os segmentos de Anestesia, Audiologia, Cardiovascular, Cirurgia, Contraste, Diagnóstico, Diagnóstico por Imagem, Gastrologia, Laringologia, Mamografia, Monitoração, Nefrologia, Neurologia, Oftalmologia e Ortopedia.

Para efeitos de referência, o estudo disponibiliza uma visão geral das análises com foco no consumo aparente. Com a finalidade de minimizar os efeitos das variações do câmbio sobre a análise da variação percentual, neste texto serão considerados os valores em dólares.

CONSUMO APARENTE

Quanto à Estimativa de Consumo Aparente, pode-se observar um cenário parcialmente estável entre os anos de 2018 e 2020. Já em 2021, o cenário muda, em grande parte impactado pela pandemia do coronavírus. No ano de 2018, o valor estimado de consumo era de US$ 23 bilhões, com crescimento de 4%. Em 2019, o valor atingiu a marca de US$ 23,9 bilhões. Em 2020, o valor de consumo teve um decréscimo de 1%, totalizando US$ 24 bilhões. Para 2021, o crescimento foi de 25%, totalizando US$ 29 bilhões. Para 2022, com base na metodologia aplicada, a estimativa é que esse valor apresente um crescimento de 15%, evoluindo para US$ 33,6 bilhões.

Total Importado de Medical Devices
(em bilhões de dólares)



Fonte: IN3 Inteligência

(estimado - média de crescimento)

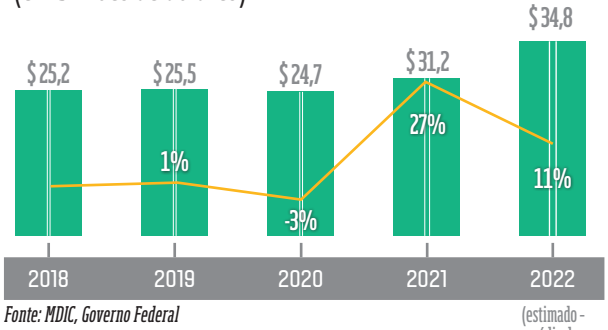
A ESTIMATIVA É QUE O CONSUMO APARENTE APRESENTE UM CRESCIMENTO DE 15% EM 2022, EVOLUINDO PARA US$ 33,6 BILHÕES

PRINCIPAIS RESULTADOS

Em se tratando das Importações brasileiras de Medical Devices, no ano de 2018 o mercado movimentou aproximadamente US$ 25,2 bilhões, crescendo cerca de 1% no ano de 2019, quando o valor passou a representar US$ 25,5 bilhões. Em 2020, houve um decréscimo de 3% neste valor, totalizando US$ 24,7 bilhões. Para o ano de 2021, o valor importado apresentou um crescimento de 27%, totalizando US$ 31,2 bilhões.

Já o primeiro semestre de 2022 apresenta movimentação de US$ 14,5 bilhões. Para o ano completo, com base na metodologia utilizada, estima-se um crescimento de cerca de 11% nas importações de dispositivos médicos, em linha com a retomada das atividades econômicas como um todo, perfazendo um total de US$ 34,8 bilhões.

Valor Importado
(em bilhões de dólares)



Fonte: MDIC, Governo Federal

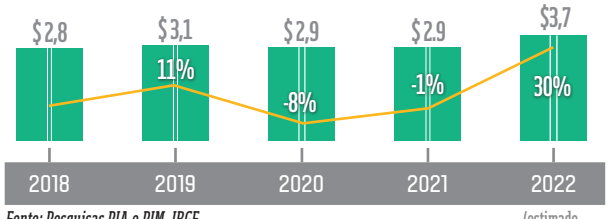
(estimado - média de crescimento)

PRODUÇÃO NACIONAL

Em relação ao Valor da Produção Nacional, no ano de 2018 este valor foi estimado em US$ 2,8 bilhões. Em 2019, após um crescimento de 11%, passou a apresentar uma estimativa de US$ 3,1 bilhões. Em 2020, o Valor da Produção Nacional apresentou o pior cenário, com um decréscimo de 8%, estimado em US$ 2,9 bilhões. Em 2021, foi observada uma estabilidade, com queda inexpressiva de 1%, representando, também, a estimativa de US$ 2,9 bilhões.

A estimativa para 2022 é que ocorra um acréscimo de cerca de 30% na produção nacional de dispositivos médicos com relação ao ano anterior. Os valores, dessa forma, chegariam a estimados US$ 3,7 bilhões, o equivalente a R$ 18,8 bilhões, considerando os critérios aplicados. Esse movimento deve-se à retomada das atividades econômicas no país, com vistas aos patamares pré-pandemia.

Valor da Produção Nacional
(em bilhões de dólares)



Fonte: Pesquisas PIA e PIM, IBGE

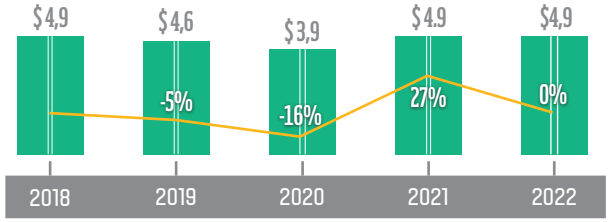
(estimado - média de crescimento)

EXPORTAÇÕES

Em relação às Exportações, no ano de 2018 o mercado movimentou aproximadamente US$ 4,9 bilhões, sofrendo queda de 5% no ano de 2019, em que o valor passou a representar US$ 4,6 bilhões. Em 2020, houve ainda um decréscimo de 16%, totalizando US$ 3,9 bilhões. O ano de 2021 apresentou crescimento de 27% em relação ao ano anterior, totalizando quase US$ 5 bilhões.

Para primeiro semestre de 2022 o valor da exportação, analisando os segmentos do estudo, foi de US$ 2,6 bilhões. Considerando a metodologia realizada, a estimativa para 2022 é que esse valor apresente estabilidade comparado a 2021, como reflexo da alta da produção nacional, totalizando aproximadamente, US$ 5 bilhões.

Valor Exportado
(em bilhões de dólares)



Fonte: MDIC, Governo Federal

(estimado - média de crescimento)

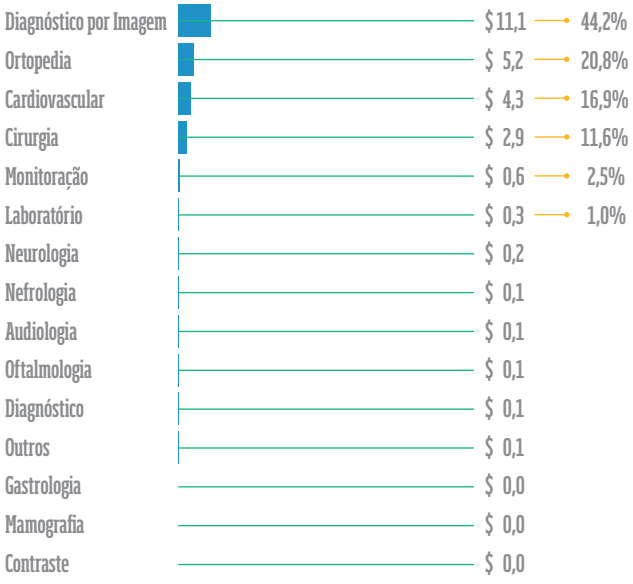
IMPORTAÇÕES

Em se tratando das Importações, os segmentos mais representativos da ABIMED, dentre os estudados, e no período de 2018 a 2022 (até junho), são Diagnóstico por Imagem, Ortopedia, Cardiovascular e Cirurgia. Juntos, esses segmentos representaram 93% do valor total de importações realizadas em todo período, e 94% do valor total de importações de 2022 (até junho).

HISTÓRICO DE IMPORTAÇÕES – 2018

No ano de 2018, o total importado foi de US$ 25,2 bilhões. Observa-se um destaque maior para o segmento de Diagnóstico por Imagem, sendo ele responsável por 44% das importações no ano. Em seguida, nota-se o setor de Ortopedia, representando quase 21% do total das importações, seguido por Cardiovascular (17%) e Cirurgia (12%). Os demais segmentos representaram 6% ou menos do valor importado no ano.

Valor de Importações e % sobre o total dos segmentos - 2018 (em bilhões de dólares)

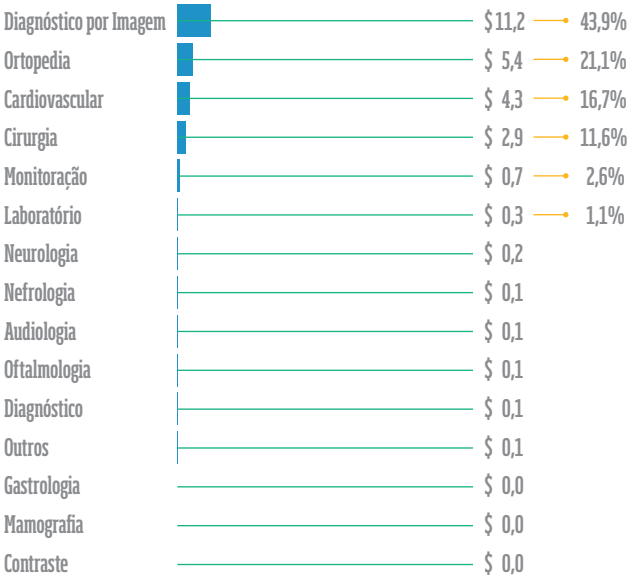


Fonte: IN3 Inteligência, MDIC - Importações

HISTÓRICO DE IMPORTAÇÕES – 2019

No ano de 2019, o total importado foi de US$ 25,5 bilhões. Avaliando os valores, o cenário se mantém o mesmo do ano de 2018, onde o setor de Diagnóstico por Imagem representa 44% do valor total importado, seguido pelos segmentos de Ortopedia (21%), Cardiovascular (17%) e Cirurgia (12%). Os demais segmentos representaram 7% ou menos do valor importado no ano.

Valor de Importações e % sobre o total dos segmentos - 2019 (em bilhões de dólares)

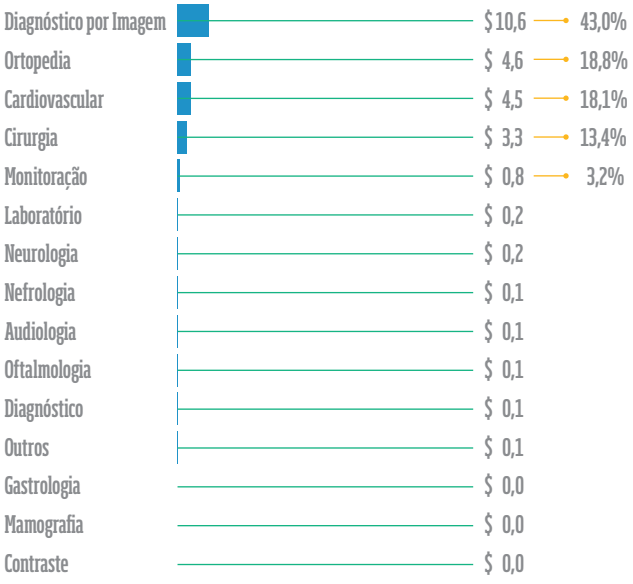


Fonte: IN3 Inteligência, MDIC - Importações

HISTÓRICO DE IMPORTAÇÕES – 2020

No ano de 2020, o valor total de importações foi de US$ 24,7 bilhões. Nesse cenário, o setor de Diagnóstico por Imagem continua sendo o protagonista do mercado, sendo responsável por 43% das importações no ano. Em seguida, nota-se o setor de Ortopedia, representando 19% das importações, Cardiovascular (18%) e Cirurgia (13%). Os demais segmentos representaram 7% ou menos do valor importado no ano.

Valor de Importações e % sobre o total dos segmentos - 2020 (em bilhões de dólares)

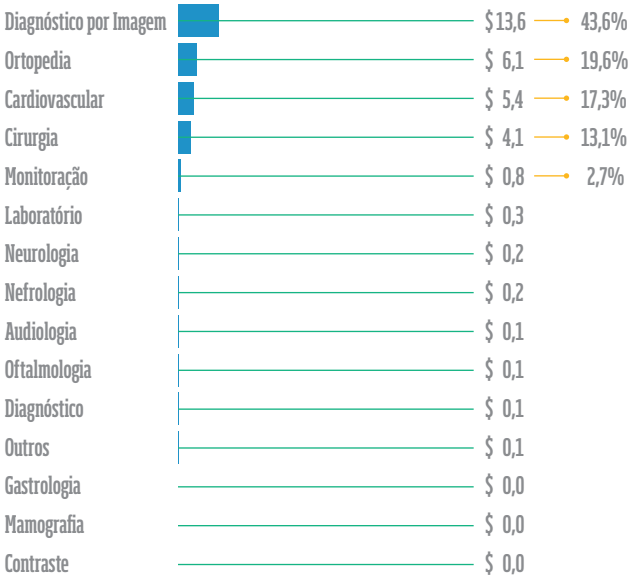


Fonte: IN3 Inteligência, MDIC - Importações

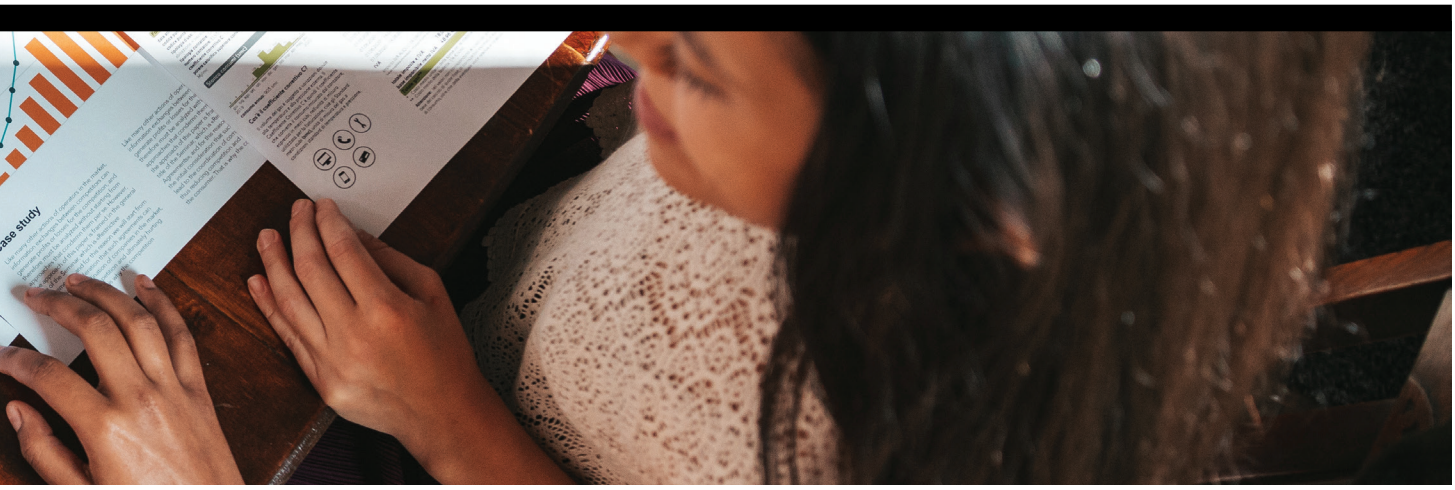
HISTÓRICO DE IMPORTAÇÕES – 2021

No ano de 2021, o total importado foi de US$ 31,22 bilhões. O cenário se manteve estável em relação ao ano de 2020, onde o setor de Diagnóstico por Imagem continuou sendo o protagonista do mercado, sendo responsável por 43,6% das importações no ano. Em seguida, nota-se o setor de Ortopedia, representando quase 20% das importações, Cardiovascular (17%) e Cirurgia (13%). Os demais segmentos representaram 6% ou menos do valor importado no ano.

Valor de Importações e % sobre o total dos segmentos - 2021 (em bilhões de dólares)



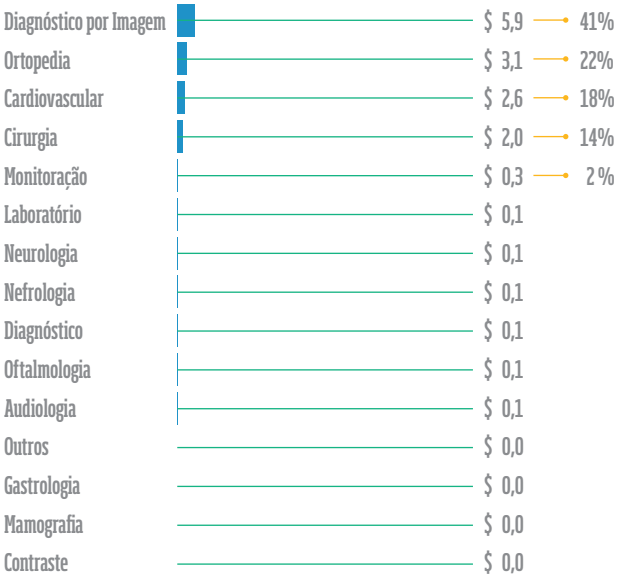
Fonte: IN3 Inteligência, MDIC - Importações



HISTÓRICO DE IMPORTAÇÕES - 2022

O primeiro semestre de 2022 apresentou o total importado de US$ 14,9 bilhões. Assim como os anos anteriores, o cenário se mantém estável em relação ao ano de 2021, em que o setor de Diagnóstico por Imagem continua sendo o protagonista do mercado, sendo responsável por 41% do total das importações no primeiro semestre do ano. Em seguida, nota-se o setor de Ortopedia, representando 22% das importações, Cardiovascular (18%) e Cirurgia (14%). Os demais segmentos representaram 5% ou menos do valor importado no ano.

Valor de Importações e % sobre o total dos segmentos - junho 2022 (em bilhões de dólares)



Fonte: IN3 Inteligência, MDIC - Importações

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS IMPORTAÇÕES

- Os segmentos mais representativos no quesito importações dentro do período analisado (2018 a 2022 – até junho) são Diagnóstico por Imagem, Ortopedia, Cardiovascular e Cirurgia.
- Juntos, esses segmentos representam em média 96% do volume e do valor total das importações realizadas durante esse período.
- Considerando os valores importados, o setor de Diagnóstico por Imagem foi responsável por cerca de 43% das importações anuais no período analisado, seguido pelo setor de Ortopedia (cerca de 20% a.a), Cardiovascular (cerca de 17% a.a) e Cirurgia (cerca de 13% a.a).
- Em relação aos volumes importados, o setor de Cirurgia foi responsável por cerca de 31% das importações anuais no período analisado, seguido pelos segmentos de Diagnóstico por Imagem e Ortopedia (com cerca de 25% a.a - cada) e Cardiovascular (cerca de 12% a.a).
- Os valores percentuais que constam nas análises acima foram obtidos por meio da média de percentuais apresentados anualmente no comparativo geral entre os segmentos.

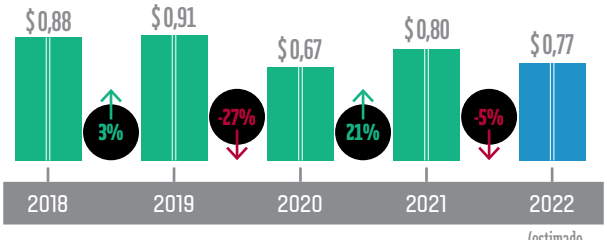
IMPORTAÇÕES OPME

Em 2018, o segmento de Órteses, Próteses e Materiais Especiais (OPME) movimentou US$ 0,88 bilhão; em 2019, apresentou crescimento de 3%, com US$ 0,90 bilhão. Já em 2020, o segmento teve queda de 27%, apresentando o valor de US$ 0,67 bilhão. Ainda impactado pelo efeito da pandemia, o segmento de OPME apresenta uma retomada lenta no mercado. 2021 apresentou um crescimento de 21%, se compararmos com 2020, com US$ 0,80 bilhão. E a estimativa para 2022, com base nas metodologias utilizadas, é que o segmento tenha queda de 5%, apresentando o valor aproximado de US$ 0,77 bilhão.

EXPORTAÇÕES OPME

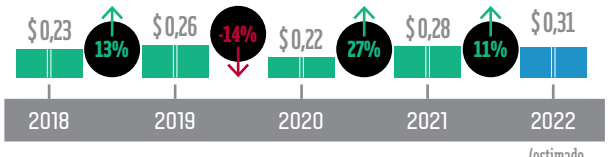
Em relação às exportações, o segmento de OPME movimentou, em 2018, US$ 0,23 bilhão; em 2019, apresentou crescimento de 13%, com US$ 0,25 bilhão. Já em 2020, o segmento teve queda de 14%, apresentando o valor de US$ 0,22 bilhão. Mesmo com a pandemia, o segmento de OPME apresentou uma retomada promissora, com crescimento de 27% em 2021, se compararmos com 2020, com US$ 0,28 bilhão. A estimativa para 2022, com base nas metodologias utilizadas, é que o segmento registre um crescimento de 11%, apresentando o valor aproximado de US$ 0,31 bilhão.

Valor de Importações e % de crescimento para OPME (em bilhões de dólares)



Fonte: IN3 Inteligência, MDIC - Importações (até 06/22)

Valor de Exportações e % de crescimento para OPME (em bilhões de dólares)



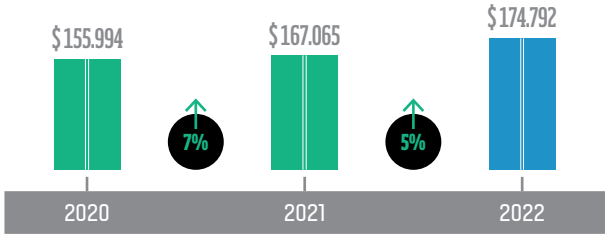
Fonte: IN3 Inteligência, MDIC - Importações (até 06/22)

EMPREGOS

O setor, nos segmentos da ABIMED, apresenta constante crescimento do número de empregos ao longo dos anos. Em 2021, nota-se um crescimento de 7% em relação ao ano anterior, concentrando o total de 167.065 empregos. Os dados de junho de 2022 já registram um crescimento de 5% em relação ao ano de 2021, com total de número de empregos de 174.792.

O estado que concentra o maior número de empregos é São Paulo, com 66.708 pessoas empregadas, seguido de Minas Gerais, com 18.722, e Rio de Janeiro, com 16.460 pessoas empregadas. A maior concentração de empregos do setor é de ocupação com faixa de renda de "até R$ 1.908,00", com número total de empregos de 92.329; seguido pela faixa de renda de "mais de R$ 1.908,00 a R$ 2.862,00", com número total de empregos de 31.022.

Evolução do Número de Empregos dos segmentos ABIMED



Fonte: IN3 Inteligência, CAGED (junho, 2022), RAIS

MERCADO DE PROCEDIMENTOS

A análise da movimentação do mercado de procedimentos médico-hospitalares se deu por meio das bases do Sistema Único da Saúde (SUS) referente aos anos de 2018 a 2022 (maio), e a base da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) referente aos anos de 2018 a 2020, divididos pelos subsegmentos da ABIMED.

Foram considerados 1.600 procedimentos para o setor público em todo o período (2018 a maio de 2022), e 2.760 para o privado. Isso totaliza 4.360 procedimentos, com base nos segmentos de interesse, que podem ser observados a seguir.

Segmentos - Quantidade de Procedimentos

Segmentos	Qtd Total	Qtd Público	Qtd Privado
Diagnóstico	1966	759	1207
Cirurgia	756	273	483
Diagnóstico por Imagem	534	252	282
Ortopedia	306	55	251
Neurologia	160	55	124
Cardiovascular	139	51	105
Nefrologia	137	48	88
Oftalmologia	110	27	62
Gastrologia	77	20	57
Audiologia	52	20	25
Laringologia	39	13	25
Anestesia	29	09	20
Monitoração	29	08	19
Contraste	17	06	09
Mamografia	09	04	03

Nota: Procedimentos listados e validados com base nos segmentos de interesse da ABIMED e seus associados, atrelados aos bancos de dados do SIA e SIH disponibilizados pelo DataSUS e ANS.

Fonte: IN3 Inteligência, DataSUS e ANS

Essa frente do estudo é importante para que seja possível ampliar a visão de mercado, avaliando indicadores que possam reforçar as movimentações históricas dos segmentos de interesse, sem qualquer relação com os dados de importações e exportações apresentados anteriormente.

VALOR E VARIAÇÃO POR ANO

Em 2018, o valor total dos procedimentos mapeados para os segmentos da ABIMED foi de R$ 21 bilhões. Deste valor, R$ 10,2 bilhões correspondem ao setor público e R$ 10,8 bilhões ao setor privado.

Já em 2019, apresentando um crescimento de 25% em relação ao ano anterior, o valor total de procedimentos foi de R$ 26,3 bilhões, sendo R$ 10,9 bilhões para o setor público e R$ 15,3 de bilhões para o setor privado.

No ano de 2020, apesar da pandemia e da instabilidade geral, o mercado de procedimentos hospitalares e ambulatoriais teve crescimento de 13% em relação ao ano anterior, apresentando um total de R$ 29,6 bilhões, sendo R$ 9,4 bilhões para o setor público e R$ 20,3 bilhões para o setor privado.

Em 2021, somente os dados do setor público estão disponíveis, apresentando um valor total de R$ 10,9 bilhões. Para 2022, os dados disponíveis são também do setor público, até o mês de junho, e apresentam um valor de R$ 6,1 bilhões.

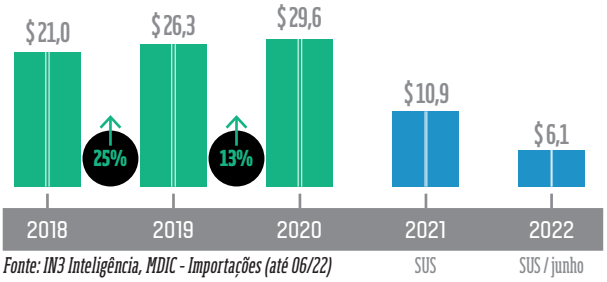
PÚBLICO X PRIVADO

O Relatório Setorial ABIMED mostra que o volume de procedimentos realizados é maior para o setor público. No entanto, o setor privado apresenta os maiores valores para os procedimentos realizados. Ainda no âmbito público, considerando o volume de procedimentos realizados, a maior parte foi realizada em Hospitais (42,4%), seguida por Laboratórios (22,6%), Clínicas e consultórios (19,4%), Centros de Saúde (7,1%), Pronto-Socorro/Atendimento (6,6%), e outros (2%).

Em 2021, os segmentos que mais se destacaram no setor público foram: Diagnóstico, com valor total de quase R$ 4,6 bilhões para procedimentos realizados; Diagnóstico por imagem, com valor total de quase R$ 3,7 bilhões; Cardiovascular, com valor total de R$ 0,6 bilhão; e Cirurgia e Oftalmologia, apresentando o valor total em procedimentos realizados de quase R$ 0,5 bilhão.

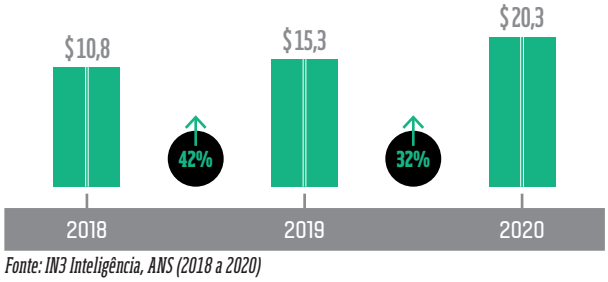
No âmbito privado, não estão disponíveis os dados de procedimentos de 2021, não sendo possível identificar os tipos de estabelecimentos, pois a ANS não disponibiliza os dados dessa forma.

Valor total de procedimentos para os segmentos da ABIMED (em bilhões de reais)



Fonte: IN3 Inteligência, MDIC - Importações (até 06/22)

Valor total de procedimentos privados (em bilhões de reais)

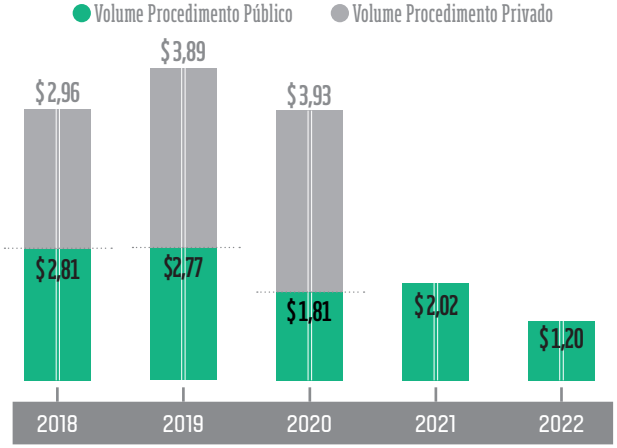


Fonte: IN3 Inteligência, ANS (2018 a 2020)

VALOR DE PROCEDIMENTOS POR ANO

Ao analisar o gráfico abaixo, nota-se como o mercado privado, em termos de valor, é maior que o mercado público para os segmentos de interesse da ABIMED. Vale ressaltar que o volume do setor público é maior que o do privado.

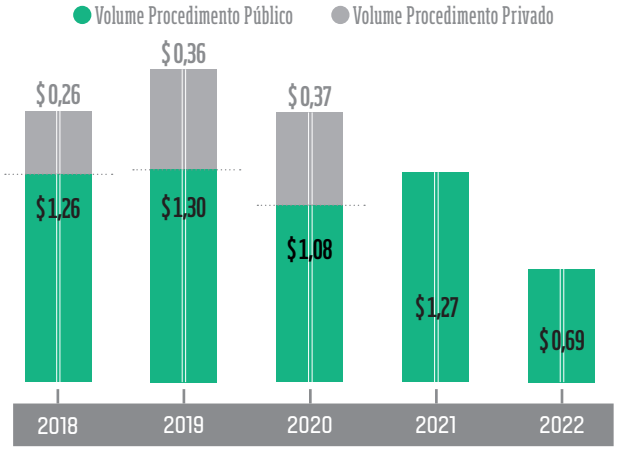
Valor dos procedimentos públicos x privados por ano (em bilhões de dólares)



Fonte: IN3 Inteligência, DataSUS e ANS (2018-2020)

No que se refere ao volume de procedimentos realizados, verifica-se que estes são substancialmente menores no setor privado, quando comparados com os números do setor público. Dessa forma, pode-se inferir com base nesses dados que o valor agregado dos procedimentos no setor privado é substancialmente superior ao valor agregado registrado no setor público.

Volume dos procedimentos públicos x privados por ano (em bilhões)



Fonte: IN3 Inteligência, DataSUS e ANS (2018-2020)

ESTADOS DEMANDANTES

Outro ponto importante a ser levado em consideração é a análise da origem dos procedimentos – considerando os estados da federação – dos procedimentos públicos e privados, sendo que essa informação pode subsidiar análises específicas de inteligência comercial por parte das empresas representadas pela ABIMED.

Para o estudo de volume dos procedimentos nos segmentos de interesse, os estados que ocupam o top 10 no período de 2018 a 2022 são: São Paulo (que é o principal demandante dos procedimentos públicos), Santa Catarina, Minas Gerais e Rio de Janeiro, seguidos por Paraná, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Pará e Ceará.

ANÁLISE DOS ESTABELECIMENTOS PÚBLICOS

Determinadas as análises gerais do mercado, este estudo concentrou-se na identificação dos estabelecimentos que mais demandaram os procedimentos públicos dentro dos segmentos destacados. Por limitação da base privada da ANS, não é possível chegar no tipo de estabelecimentos que realizaram procedimentos privados.

Em termos de valores e de acordo com os dados do período de 2022, levando-se em conta os segmentos da ABIMED, os tipos de estabelecimentos que mais realizam procedimentos são: Hospitais, apresentando 54% do total; Clínicas/Consultórios, com 19% do total; Laboratórios, com 17%; Centros de Saúde, com 5%; Pronto-Socorro/Atendimentos, com 3%; e Centros de atenção Hemoterápica e/ou Hematológica, com apenas 2%. Outros estabelecimentos apresentaram um percentual abaixo de 1%.

Vale ressaltar que essa análise foi realizada com base no compilado do valor de procedimentos realizados nos segmentos de interesse, referente ao ano de 2022. Outro ponto da análise é que o volume representado em "Outros Estabelecimentos" contempla os demais estabelecimentos que não se encaixam nas categorias acima.

Considerando os mesmos procedimentos acima, levando-se em conta os segmentos da ABIMED em termos de volume, os estabelecimentos que mais realizam procedimentos são: Hospitais, apresentando 31,8% do total; Laboratórios, com 26,8%; Clínicas/Consultórios, com 18,9% do total; Centros de Saúde, com 12,5%; Pronto-Socorro/Atendimentos, com 7,7%; e Centros de atenção Hemoterápica e/ou Hematológica, com apenas 1,1%. Outros estabelecimentos apresentaram um percentual de 1,1%.

Se considerarmos os segmentos mais representativos da ABIMED, os tipos de estabelecimentos por segmentos ficam da seguinte forma:

- Para Diagnóstico, 32% dos procedimentos foram realizados em Laboratórios, enquanto 28% foram realizados em clínicas ou consultórios e 27% em hospitais; 5% foram realizados em centros de saúde e hemocentros, 3% em pronto atendimento, e os procedimentos restantes foram realizados em outros estabelecimentos.
- Para o segmento de Diagnóstico por imagem, a maior parte dos procedimentos foi realizada em Hospitais, apresentando um total de 69%. 14% foram realizados em clínicas ou consultórios, 9% em laboratórios, 6% foram realizados em pronto atendimentos, e o restante nos outros estabelecimentos.
- Já para o segmento de Oftalmologia, 66% dos procedimentos realizados foram em Hospitais e 33% em clínicas e consultórios; 1% foi realizado em outros estabelecimentos.
- O segmento Cardiovascular apresenta 65% dos procedimentos realizados em Hospitais, 17% em clínicas e consultórios, 8% em laboratórios, 6% em centros de saúde, 4% em pronto atendimento, e o restante em outros estabelecimentos.
- Em Neurologia, 87% dos procedimentos foram realizados clínicas e consultórios, ao passo que 6% foram realizados em hospitais e laboratórios. Os demais procedimentos foram realizados em outros estabelecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas informações contidas neste estudo, é possível visualizar uma tendência geral de crescimento no consumo aparente nos segmentos analisados para o ano de 2022. É possível afirmar isso porque o crescimento desse índice variou 7% nos valores em reais, e 15% considerando valores em dólares.

Dos segmentos analisados no estudo, pode-se observar que Diagnóstico por Imagem, Ortopedia, Cardiovascular e Cirurgia são responsáveis por movimentar cerca de 93% do valor total de importações realizadas durante o período estudado (2018-2022).

Além disso, destaca-se a demanda do estado de São Paulo para procedimentos públicos e privados e a predominância da utilização de dispositivos médicos para o desenvolvimento de procedimentos em hospitais — ainda que haja uma série de nichos que traduzem a demanda do mercado como um todo. Dos segmentos considerados no estudo, destacam-se Diagnóstico, Diagnóstico por imagem, Cardiovascular e Cirurgia, que são responsáveis por movimentar certa de 86% do valor total de procedimentos realizados no Brasil.

A íntegra do Relatório Setorial ABIMED está disponível no Portal da Associada, no site www.abimed.org.br.

WEARABLES NA SAÚDE

Um dos segmentos que mais crescem na indústria de tecnologia, os dispositivos vestíveis ganham importância nos cuidados de saúde e prometem ser a chave para impulsionar a saúde digital

MERCADO DE WEARABLES, DISPOSITIVOS VESTÍVEIS QUE MONITORAM E COLETAM DADOS EM TEMPO REAL, É UM DOS QUE MAIS CRESCEM NA INDÚSTRIA DE TECNOLOGIA. NÃO É DIFERENTE NA ÁREA DE SAÚDE. Pesquisas mostram que o mercado global de dispositivos vestíveis voltados à saúde deve saltar para US$ 30,1 bilhões até 2026, contra os US$ 16,2 bilhões em 2021. De acordo com a Deloitte, 320 milhões de wearables de saúde serão vendidos globalmente em 2022.

ATUALMENTE, 33% DOS BRASILEIROS UTILIZAM PELO MENOS UM DISPOSITIVO DE TECNOLOGIA DE SAÚDE WEARABLE

Seja por meio de roupas, calçados, óculos, relógios, pulseiras, entre outros acessórios inteligentes, a tecnologia promete ser uma nova etapa na evolução da indústria de dispositivos móveis. Equipados com sensores, eles monitoram indicadores físicos, mentais e de bem-estar. Além disso, a aplicabilidade dos wearables para os cuidados com a saúde tem permitido diagnósticos mais precisos.

Com o avanço das inovações tecnológicas, a possibilidade de resolver alguns dos maiores desafios de saúde e do bem-estar se torna cada vez mais próxima. De acordo com Vivaldo José Breternitz, Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo e professor do Programa de Mestrado Profissional em Computação Aplicada da Universidade Presbiteriana Mackenzie, os chamados "vestíveis" começaram a se popularizar nos anos 1990, com os relógios e pulseiras que coletavam, processavam e armazenavam dados. Mas a maior parte desses dispositivos não tinha o aval das autoridades de saúde para serem utilizados como ferramentas de acompanhamento e diagnóstico.

Mais recentemente, porém, começaram a surgir exceções. Em 2018, a Empatica recebeu autorização do FDA (US Food and Drug Administration) para que o seu relógio inteligente monitorasse convulsões, alertando cuidadores quando necessário. No Brasil, em agosto de 2020, a Anvisa aprovou dois aplicativos processados por equipamentos Samsung para eletrocardiogramas e monitoramento de pressão arterial.

"Autorizações como essas vêm sendo concedidas a outros equipamentos por diversos países e podem vir a se tornar importantes ferramentas para prevenção e tratamento de doenças", destaca Breternitz.

Caso os usuários concordem, os dados coletados pelos wearables podem ser compartilhados. Eles são capazes de, por exemplo, informar as unidades locais de saúde sobre um aumento repentino no número de casos de determinada doença, concentrando os esforços em prevenção naquela região. O compartilhamento dos dados também pode auxiliar equipes médicas durante emergências, usando o histórico de registros do dispositivo como base para determinar os melhores procedimentos. O grande desafio ainda está ligado à segurança e à confidencialidade da coleta de dados. A Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) é uma aliada na garantia de privacidade dos usuários.

"Os wearables não são capazes de substituir as consultas médicas ou prescrever medicamentos, mas o uso dessas tecnologias emergentes, aliado aos grandes volumes de dados coletados que po-

dem ser analisados por ferramentas de inteligência artificial, podem abrir novas fronteiras na área da saúde, sem contar que o uso dos wearables pode gerar em seus usuários mais engajamento com relação aos cuidados com sua própria saúde", defende Vivaldo José Breternitz.

Segundo o professor, a pandemia de Covid-19 também ampliou o uso dos vestíveis, já que muitas pessoas deixaram de fazer acompanhamento médico por medo de contágio. Com isso, eles ganharam relevância na prevenção e no tratamento de problemas de saúde.

MEDICINA PREVENTIVA

O desenvolvimento e o uso dos dispositivos visando a medicina preventiva, com a possibilidade de emissão de alertas para evitar doenças graves, tem sido uma grande promessa para o mercado de cuidados da saúde. "Esses aparelhos poderão, no futuro, detectar anomalias, emitir alertas e fazer recomendações em tempo real aos usuários para evitar doenças graves, como um infarto. Paralelamente, os dados coletados por esses aparelhos poderão ser direcionados para o registro médico do paciente e contribuir para diagnósticos mais precisos", acredita Fabrizzio Soares, membro do Instituto dos Engenheiros Eletrônicos e Eletricistas (IEEE) e docente da Universidade Federal de Goiás.

Na visão do especialista, existe a tendência de os dispositivos vestíveis incorporarem um sistema de recomendação e bem-estar ao usuário. "Ao detectar o aumento dos níveis de glicose em estado de repouso, por exemplo, o aparelho poderá orientar o paciente a se exercitar e evitar a demanda por insulina", esclarece o membro do IEEE. Já ao verificar a queda da glicose durante algum exercício físico, o dispositivo será capaz de recomendar ao usuário reduzir o ritmo da atividade física, beber água ou se alimentar para voltar à normalidade.

Soares conta que os dispositivos também poderão ajudar a construir um sistema com informações sobre os pacientes. Os registros médicos poderão ser usados como uma grande base de conhecimento para mostrar os diferentes perfis de pacientes, rastrear doenças e, se ocorrer um grande aumento de uma enfermidade, alertar as autoridades sobre o surgimento de uma epidemia.

MEDICINA DIAGNÓSTICA

Os dispositivos wearables também trazem cada vez mais contribuições à medicina diagnóstica

por conta dos avanços proporcionados pela Inteligência Artificial (IA). A tecnologia já é capaz de fornecer informações cada vez mais completas sobre as condições de saúde de cada usuário, como afirma o estudo "Tracker Brazil Wearables", feito pelo IDC. Até 2024, a expectativa é de continuidade de crescimento anual de dois dígitos nas previsões de aquisição desses dispositivos, em grande parte como efeito da maior preocupação dos brasileiros com a saúde causada pela pandemia.

Além de serem aliados dos usuários, os wearables passaram também a ser utilizados por profissionais de saúde, que enxergaram nos dispositivos uma maneira de potencializar a medicina diagnóstica. Os aparelhos podem identificar a propensão para doenças em comunidades, emitir alertas e fazer recomendações aos usuários em tempo real. O National Health Service (NHS), sistema público de saúde britânico, é uma das instituições que passaram a oferecer wearables a pacientes para auxiliar na prevenção do diabetes tipo 2.

"Já sabíamos que a maior adoção da digitalização direcionada a questões de saúde seria fundamental para enfrentar a pandemia. No entanto, percebemos que a população está cada vez mais madura para aceitar diferentes formas de acompanhamento da saúde, muitas delas com o uso de Inteligência Artificial", explica Christiano Berti, diretor da unidade de Medicina Diagnóstica da MV, empresa de sistemas para a saúde na América Latina.

Apostando nesta tendência, Berti cita cinco formas de contribuição dos wearables para a medicina.

COLETA E ANÁLISE DE DADOS: a falta de informações sobre o estado clínico do paciente costuma ser um fator limitante durante uma consulta feita por meio da telemedicina, o que dificulta o trabalho de profissionais da saúde. Por isso, a possibilidade de facilitar a prática da telemedicina está entre as vantagens dos wearables, compartilhando os dados fornecidos pelos dispositivos para proporcionar um atendimento ainda mais seguro e completo.

ALERTAS EM TEMPO REAL: é possível incorporar um sistema de detecção de problemas e recomendações ao usuário. Os aparelhos podem medir níveis de glicose em estado de repouso, por exemplo, e verificar a necessidade de fazer exercícios, ingerir água ou se alimentar para os índices voltarem ao normal. Além disso, há a possibilidade de incrementar a funcionalidade, fazendo com que os sistemas de saúde possam receber esses alertas para agir em casos de urgência. Atualmente, existem dispositivos com a funcionalidade de diagnóstico similar ao exame de ECG (eletrocardiograma), informando ao usuário o ritmo cardíaco e mostrando sinais de fibrilação atrial (AFib) no próprio dispositivo.

CONSTRUÇÃO DE UM SISTEMA DE REGISTROS MÉDICOS: contar com um sistema que reúna informações sobre os pacientes pode ser um benefício significativo. Conforme exposto antes, os registros médicos poderiam ser usados para distinguir os diversos perfis de pacientes, rastrear doenças e emitir alertas acerca de novas epidemias.

INTEGRAÇÃO COM A NUVEM: o uso da nuvem para o armazenamento dos dados dos pacientes é uma das tendências para um futuro próximo. A ferramenta, aliada à coleta de informações via wearables, facilita o compartilhamento e a integração intersistêmica, facilitando o trabalho dos programas que utilizam AI para análise de big data.

HOMECARE QUALIFICADO: o uso de wearables por tempo prolongado pode levar a oportunidades de gerenciamento ambulatorial de pacientes via telemedicina. Por exemplo, a previsão clínica de uma doença grave relacionada à dengue é difícil e os pacientes em alta devem retornar à clínica para avaliações diárias, impondo demandas sobre sistemas de saúde não raro desgastados. Com os wearables, seria possível monitorar de modo contínuo parâmetros como pulso, movimento corporal e hematócrito, e fornecer informações sobre sintomas de alto risco para as equipes médicas de plantão, por meio de métodos não invasivos de medição.

SAÚDE MENTAL

Pesquisadores da NYU Tandon alcançaram um marco importante em sua busca para desenvolver uma tecnologia vestível que consiga medir os principais mecanismos cerebrais através da pele. Rose Faghih, professora associada de Engenharia

ALTA CONECTIVIDADE DO 5G PODE AMPLIAR O PODER DA TECNOLOGIA VESTÍVEL EM PROL DA SAÚDE

Biomédica, vem trabalhando nos últimos sete anos em uma tecnologia que pode medir a atividade mental por meio das ações eletrodérmicas (EDA), um fenômeno elétrico da pele que é influenciado pela atividade cerebral relacionada ao estado emocional.

Faghih, junto com Rafiul Amin, seu ex-aluno, desenvolveram um novo mecanismo de inferência que pode monitorar a atividade cerebral em tempo real, com altas escalabilidade e precisão. Os resultados foram apresentados no artigo "Caracterização fisiológica da atividade eletrodérmica permite inferência de ativação do sistema nervoso autônomo em tempo real escalável", publicado na PLOS Computational Biology.

De acordo com Rubens de Fraga Júnior, professor de Gerontologia da Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná (FEMPAR), o objetivo é criar um decodificador do estado cerebral, não invasivo, multimodal e inteligente para arquiteturas de circuito fechado adaptáveis vestíveis, ou MINDWATCH, como Faghih o chama. "Ele atuaria como uma maneira de monitorar a saúde mental de um usuário e ofereceria empurrões que os ajudariam a voltar a um estado de espírito mais neutro. Por exemplo, se uma pessoa estivesse passando por um período particularmente grave de estresse relacionado ao trabalho, o MINDWATCH poderia perceber isso e tocar automaticamente uma música relaxante", explica o professor.

O novo modelo foi executado em dados de 26 indivíduos saudáveis. Os pesquisadores mostraram que podem decifrar os sinais cerebrais com alta confiabilidade. Além disso, o requisito de poder computacional de seu novo algoritmo

é mínimo e pode obter informações cerebrais e fisiológicas em poucos segundos, ao passo que outras abordagens levariam minutos. Isso significa que uma pequena tecnologia de monitoramento vestível, veloz e confiável está ao nosso alcance.

"O impacto mais amplo e as aplicações da metodologia incluem monitoramento de desempenho, acompanhamento da saúde mental, medição de dor e estresse cognitivo. O rastreamento de saúde mental pode ajudar a gerenciar melhor o autismo, transtornos de estresse pós-traumático, irritabilidade excessiva, tendência ao suicídio e muito mais. Já os rastreamentos de desempenho e de estresse cognitivo podem ajudar a melhorar a produtividade individual e a qualidade de vida", ressalta Rubens de Fraga.

INTERESSE DOS BRASILEIROS

A Cisco AppDynamics realizou uma pesquisa sobre as atitudes e comportamentos do consumidor em relação às tecnologias wearable. Os resultados mostram alta demanda e expectativa dos consumidores nessa área – 88% acreditam que a tecnologia wearable tem o potencial de transformar positivamente tanto a saúde pessoal quanto os serviços de saúde pública como um todo. A pesquisa também aponta que as pessoas estão abertas ao uso de dispositivos e aplicativos de saúde digital relacionados à sua saúde e bem-estar para gerenciar desde a sua aptidão física geral até a saúde sexual e a fertilidade, passando pela identificação de doenças infecciosas.

Além disso, o estudo mostra que 89% dos consumidores brasileiros desejam usar tecnologias de saúde, incluindo wearables, para gerenciar condições crônicas de saúde, e que 92% gostariam de ser capazes de identificar os primeiros sinais de alerta de doenças.

Atualmente, 33% dos brasileiros utilizam pelo menos um dispositivo de tecnologia de saúde wearable. Esse número deve aumentar, pois 86% planejam incrementar o uso dessa tecnologia nos próximos 12 meses.

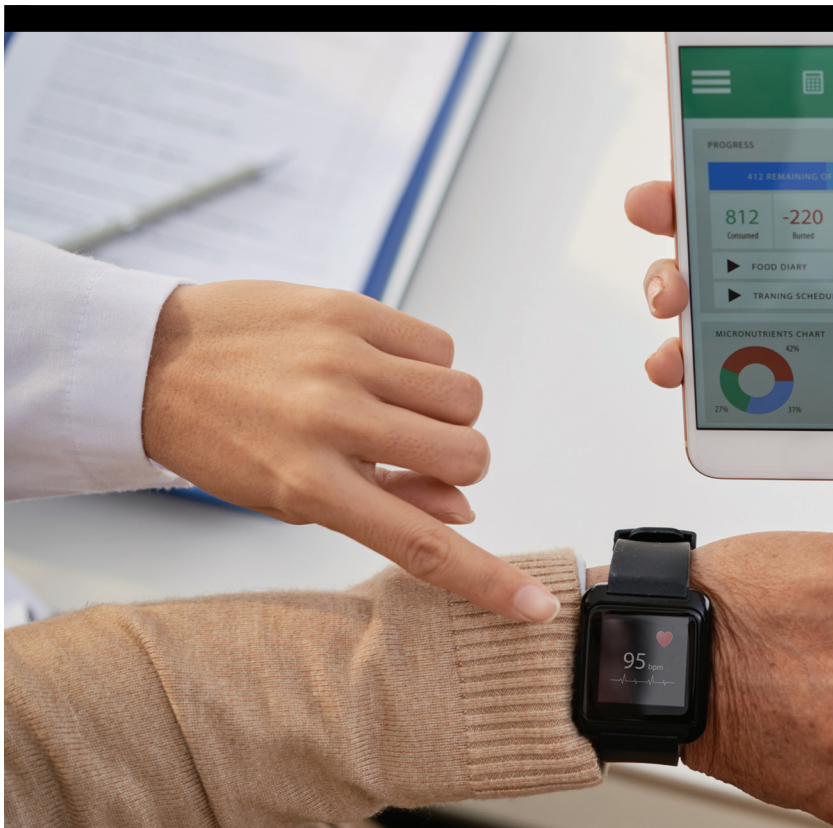
IMPULSO DO 5G

A alta conectividade do 5G pode ampliar o poder da tecnologia vestível em prol da saúde. A constatação é do especialista em tecnologia em nuvem, Wagner Andrade, CEO da dataRain, uma das principais parceiras da Amazon Web Services (AWS), líder global de Computação em Nuvem. Segundo o executivo, essas possibilidades de uso vão se multiplicar à medida que os ganhos de escala tornarem os dispositivos cada vez mais acessíveis, portáteis e poderosos. "Os smartwatches estão deixando de ser um artigo de luxo e se tornando um poderoso aliado para monitorar e rastrear os indicadores básicos de saúde, bem como os níveis de condicionamento físico. Os dados personalizados que esses dispositivos oferecem permitem que as pessoas assumam o controle e melhorem sua saúde e bem-estar geral, o que é importante, tanto para o acompanhamento médico, quanto para indicar a necessidade de tratamento", diz.

Para o executivo, cada vez mais dispositivos devem ser criados graças à alta conectividade do 5G. "De aplicativos de rastreamento de fitness e smartwatches às roupas inteligentes, o mercado de tecnologia vestível está crescendo, e cada vez mais wearables estão sendo inventados", ressalta ele, lembrando que a previsão é que esse mercado dobre de tamanho até 2026.

OPORTUNIDADES PARA A INDÚSTRIA

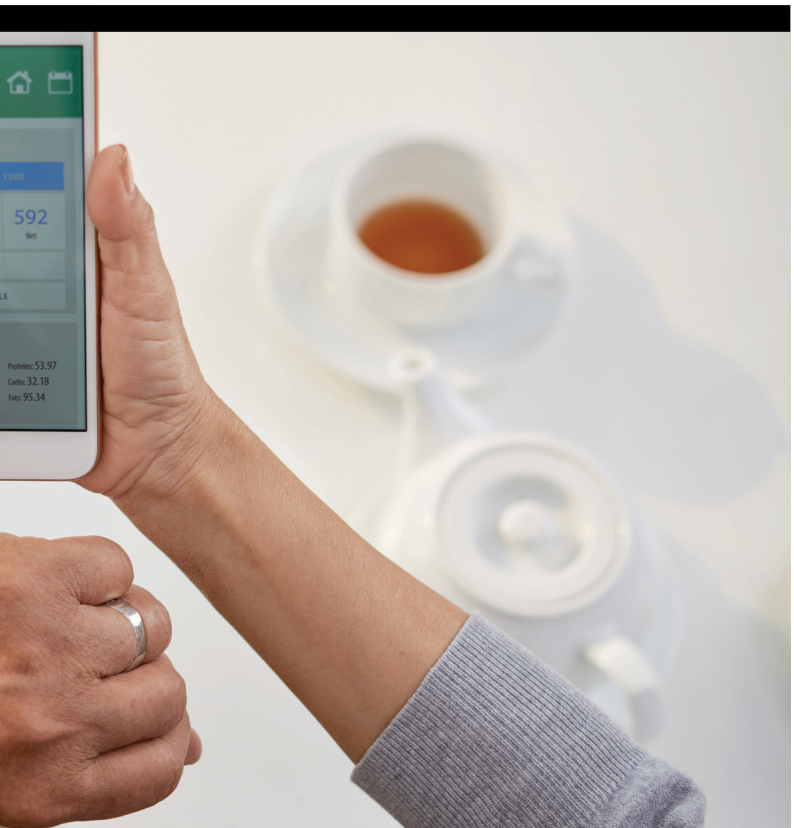
Do ponto de vista dos fornecedores, as oportunidades para conquistar uma fatia desse



enorme mercado são imensas, tanto para os players já estabelecidos quanto para a infinidade de novas startups que surgem em todas as áreas da saúde digital. No entanto, o estudo da Cisco AppDynamics alerta que, na pressa de aproveitar as inúmeras oportunidades que estão por vir, é vital que as marcas reconheçam que as expectativas dos consumidores em relação à tecnologia e aos serviços digitais mudaram drasticamente durante a pandemia. Quando se trata do mercado de tecnologia médica wearable, é importante considerar toda a experiência do usuário, ainda mais quando esses dispositivos existem essencialmente para coletar dados de saúde, bem-estar e condicionamento físico dos usuários.

O risco é que, se esses aplicativos não funcionarem como deveriam, sendo lentos, difíceis de instalar ou, na pior das hipóteses, não protegerem os dados pessoais de saúde das pessoas — que, por sua própria natureza, são sensíveis e importantes —, o apetite do consumidor pela tecnologia wearable pode facilmente se dissipar.

De fato, a pesquisa descobriu que 91% dos brasileiros esperam que as empresas que oferecem tecnologia wearable tenham um padrão altíssimo de proteção dos seus dados pessoais. E as consequências para as marcas que ficam abaixo da expectativa dos clientes são graves: 57% afirmam que uma experiência digital ruim com um dispositivo ou aplicativo wearable os impediriam de tentar outra tecnologia de saúde ou bem-estar. Essas descobertas devem funcionar como um alerta para empresas de tecnologia e aplicativos.



VISÃO DA ABIMED

Fernando Silveira Filho, presidente-executivo da Associação Brasileira da Indústria de Tecnologia para Saúde (ABIMED), destaca que é fundamental que a saúde agregue sempre as melhores e mais avançadas tecnologias, não apenas para aprimorar a qualidade dos serviços, mas também como meio de democratizar cada vez mais o acesso da população.

"É estimulante observar que o setor é um dos que mais têm apresentado progressos em tecnologia e inovação nos últimos anos, acelerando seu ingresso na chamada Quarta Revolução Industrial. Esse avanço propiciará redução dos custos e economia de tempo, permitindo, assim, atender mais gente com os mesmos recursos. Também viabilizará o monitoramento remoto dos pacientes e as cirurgias a distância, com a utilização de robôs. Algo que até pouco tempo atrás parecia ficção científica vai se tornando realidade", ressalta.

Segundo o executivo, a gestão dos dados e do histórico de saúde de todos os pacientes é importante em todo esse processo. Ela favorece o acesso a médicos de diversas especialidades, reduz os pedidos de exames, que podem ser compartilhados, e facilita os diagnósticos. Os próprios pacientes e seus familiares terão mais autonomia sobre as informações relativas à sua saúde. Mais do que nunca, a informação será aliada do atendimento, das ações preventivas e do acompanhamento dos tratamentos.

"No contexto dessa bem-vinda onda de inovação, cabe enfatizar que tudo somente faz sentido quando o foco é melhorar a qualidade do atendimento e o bem-estar das pessoas. A Saúde 4.0 terá impacto entre os médicos, todos os profissionais do setor, SUS, convênios, seguros e instituições que atuam na área. Os maiores beneficiários, porém, deverão ser, necessariamente, os pacientes e suas famílias. Afinal, a tecnologia deve ser sempre direcionada à valorização da vida", conclui.

MEDICAL REPORT
02-08-38 : MALE
: 02 :43 080
:586 :89 403
:253 :684 :01
:99 :RP_809

IMPACTOS DA TECNOLOGIA PARA UMA MEDICINA QUE SE MODERNIZA

Médicos terão que adaptar a assistência com novas formas de comunicação e acompanhamento em tempo real do paciente nos próximos anos, mostra pesquisa da Deloitte

OS MÉDICOS BRASILEIROS TERÃO QUE ADAPTAR SEU MODELO DE ASSISTÊNCIA AO PACIENTE, estabelecendo novas formas de comunicação e monitoramento de suas condições de saúde em tempo real para acompanhar a evolução da medicina nos próximos anos. É o que mostra a pesquisa "Os impactos da tecnologia para uma medicina que se moderniza — Novas metodologias, habilidades e formas de interação com os pacientes", realizada pela Deloitte, com o apoio da Faculdade Unimed, da Innovatrix e do Sindicato dos Hospitais, Clínicas e Laboratórios do Estado de São Paulo (SindHosp).

Mais da metade dos médicos (55%) que responderam ao estudo afirmaram que o desenvolvimento tecnológico é a tendência de maior impacto sobre a saúde nos próximos cinco a dez anos. Entre essas tecnologias, estão as de conectividade e personalização da assistência como cloud, análise preditiva, automação, inteligência artificial, compartilhamento de dados, interoperabilidade e 5G.

O aumento das demandas e expectativas de pacientes (42%) também foi citado como tendência de grande impacto sobre a saúde, o que condiz com o perfil do público cada vez mais bem informado, conectado e dono dos seus dados de saúde. Também entre as principais tendências mapeadas, está o foco em prevenção e

EMBORA ENTUSIASTAS DA TECNOLOGIA, MENOS DA METADE DOS MÉDICOS APONTA TER PROCESSOS ROTINEIROS DE GESTÃO DA ASSISTÊNCIA AUTOMATIZADOS

– Luis Fernando Joaquim, sócio-líder de Life Sciences & Health Care da Deloitte

promoção da saúde e atenção primária (40%), que reflete uma abordagem preventiva e a busca por uma melhor qualidade de vida em uma perspectiva na qual a população tende a viver por mais anos.

A manipulação genética e as terapias celulares (52%), junto com a miniaturização de dispositivos (51%), a realidade virtual/realidade aumentada (50%), a nanotecnologia (48%) e os diagnósticos domiciliares (45%), foram citadas como os desenvolvimentos científicos de maior impacto sobre o trabalho ou especialidade de atuação do profissional.

O compartilhamento e avaliação dos dados de pacientes (92%) tende a ser realizado de forma cada vez mais segura e simplificada nos próximos cinco a dez anos. O monitoramento centralizado e a triagem virtual por telemedicina (85%), que avançaram durante a pandemia, os diagnósticos de imagem por inteligência artificial (86%) e a prevenção e diagnóstico de doenças de alto risco por inteligência artificial (79%) também são outras tendências que devem ser ampliadas, trazendo agilidade aos atendimentos. Mais de dois terços dos médicos (67%) esperam que, em cinco a dez anos, seja padrão que os pacientes tenham controle sobre os seus dados de saúde.

"Essas tecnologias compõem uma tendência de personalização do cuidado médico, principalmente frente a condições de maior complexidade e exigência por maior eficiência terapêutica. Isso requer que prestadores de serviços médicos atuem de forma conjunta para garantir equidade de acesso a essas tecnologias. Em complemento, as novas tecnologias, especialmente as diagnósticas, facilitam também o acesso de pacientes à detecção precoce de condições que, ao serem abordadas mais cedo, têm melhores resultados no tratamento", observa o sócio-líder de Life Sciences & Health Care da Deloitte, Luis Fernando Joaquim.

ERROS, CUSTOS E RISCOS CIBERNÉTICOS

Em geral, os médicos entrevistados veem de forma positiva o impacto da maior robotização sobre o seu trabalho. Cerca de 86% acreditam que haverá ganho de eficiência, e mais de dois terços destacaram a melhora da qualidade clínica (68%) e da satisfação do trabalho com essas tecnologias (67%). Dada a percepção de que os recursos tecnológicos poderiam desestimular a humanização do cuidado, um terço acredita que haverá diminuição da qualidade da relação médico/paciente com a utilização da robotização. Porém, uma parcela maior (43%) vislumbra um impacto positivo nessa nova abordagem.

A principal dúvida dos médicos quanto à adoção dessas soluções está relacionada à responsabilização por erros atribuídos à tecnologia (60%), uma vez que o assunto ainda está sendo discutido e não tem regulamentação específica, e sobre aspectos mais funcionais da aplicação dessas soluções, tais como gerenciamento de notificações e fluxos (40%) e o custo de sua implementação (51%), que devem ter impacto não apenas na prática assistencial, mas também nas atividades de gestão do atendimento realizada pelos profissionais de medicina.

Menos da metade dos médicos entrevistados diz já ter automatizado processos rotineiros de gestão de dados da assistência, tais como registro de anotações sobre o paciente (46%), codificação clínica (38%), pedidos de testes de rotina (37%) e prescrição de medicamentos (36%), por exemplo, o que revela oportunidade de facilitar, agilizar e simplificar o dia a dia do médico e de outros profissionais por meio de tecnologia.

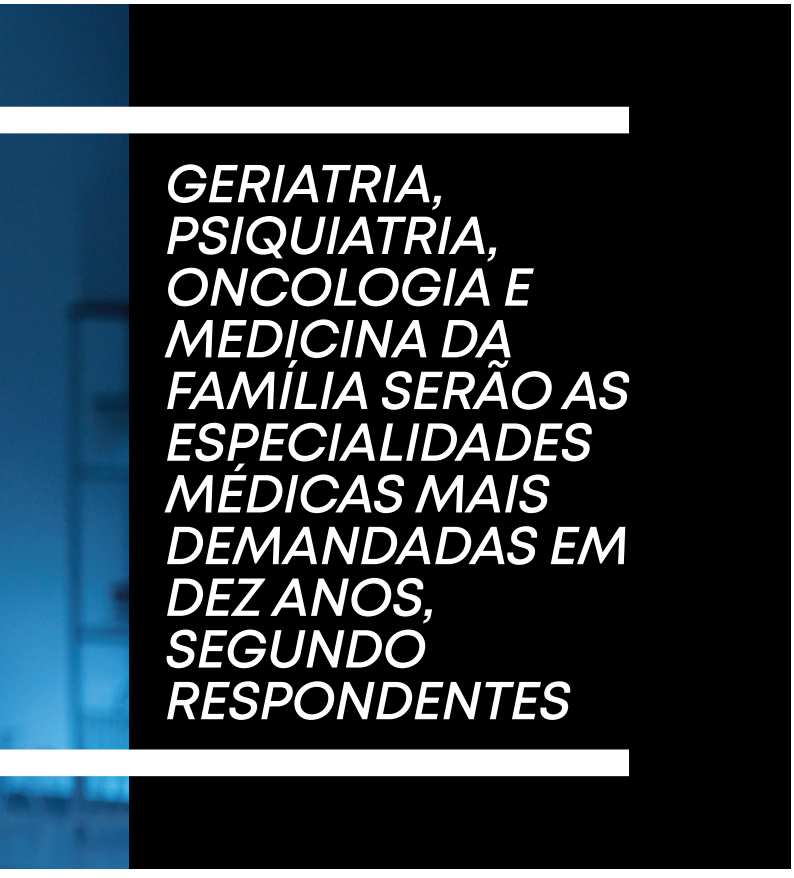
"Isso revela que ainda há oportunidade para uma maior implementação da tecnologia à prática médica. Algumas dessas automatizações, inclusive, gerariam grande impacto no tempo de espera do paciente para procedimentos e na disponibilidade médica, uma vez que poderiam reduzir a carga burocrática das avaliações. Percebe-se, também, que há oportunidade em demonstrar ganhos para uma grande fatia dos médicos que enxergam como impossível a automatização de comunicação ou de

visitas preventivas ou de rotina", acrescenta Luis Fernando Joaquim.

COMUNICAÇÃO COM PACIENTES POR APLICATIVOS

A pesquisa mostra também que a comunicação com os pacientes por meio de ferramentas virtuais deve ser ampliada nos próximos 12 meses. Na telemedicina, a utilização diária de aplicativos informais (10%) é maior do que a de aplicativos já homologados por clínicas, hospitais ou operadoras de saúde (8%). Há, contudo, interesse dos médicos pesquisados em intensificar a utilização de aplicativos homologados (34%) e informais (30%) nos próximos 24 meses.

Ferramentas de monitoramento em tempo real da saúde do paciente ainda são pouco utilizadas, mas podem agregar agilidade no atendimento e precisão no diagnóstico. Grande parte dos profissionais entrevistados (74%) não integram dados oriundos de dispositivos móveis com o registro dos pacientes, nem monitoram remotamente o paciente em uma instalação médica, como uma UTI (64%) ou em casa (50%). E praticamente metade (49%) não utiliza aplicativos para a coleta de relatos ou questionário sobre a saúde do paciente.



GERIATRIA, PSIQUIATRIA, ONCOLOGIA E MEDICINA DA FAMÍLIA SERÃO AS ESPECIALIDADES MÉDICAS MAIS DEMANDADAS EM DEZ ANOS, SEGUNDO RESPONDENTES

DECISÕES DE TRATAMENTO COM O PACIENTE

Quase dois terços dos médicos (64%) disseram à pesquisa que discutem com os pacientes os objetivos ao tomar decisões de tratamento. Contudo, entre os médicos que atuam no setor público, apenas 50% adotam essa conduta, possivelmente devido à menor duração das consultas decorrente da grande demanda no segmento público e dos limites no orçamento destinado à saúde. Os médicos da rede privada também se mostraram mais cientes sobre os custos de tratamentos que escolhem, considerando que a rede privada tende a ter um maior controle e prestação de contas.

FORMAÇÃO DO MÉDICO

Com abordagens clínicas mais abrangentes e tecnológicas, a tendência é a de que os médicos atuem cada vez mais com profissionais de outras áreas, como engenharia de dados e inteligência artificial, para uma abordagem mais integral e preditiva sobre a saúde. Isso exige mudanças na formação dos profissionais de saúde do futuro: negócios, economia em saúde e aspectos jurídicos (55%) estão no topo das novas demandas para a formação dos médicos do futuro, seguidos por habilidade para trabalhar em equipe multidisciplinar (50%) e capacidade de interpretar dados complexos (44%).

Para os médicos entrevistados, as especialidades que terão maior demanda nos próximos dez anos são geriatria, psiquiatria, oncologia clínica, psiquiatria de crianças e adolescentes e medicina da família. Por outro lado, a demanda por médicos especialistas em radiologia, radiologia diagnóstica, medicina do trabalho, anatomia patológica e clínica médica deve reduzir no mesmo período, segundo respondentes.

O estudo mostra, por fim, que as formas mais utilizadas para a remuneração dos médicos são o pagamento por procedimento (50%) e o salário (41%), e não há expectativa de que mudanças expressivas nos modelos de remuneração devam ocorrer no próximo ano. Em um intervalo maior do que 12 meses, porém, devem ganhar espaço a remuneração por performance e os riscos compartilhados, apesar da percepção dos entrevistados.

O DESAFIO DA CIBERSEGURANÇA

Pesquisa "Geostrategic Outlook 2022", da EY, mostra que, em 2023, o valor pago em resgate deve ultrapassar 34 bilhões de dólares no ano

DURANTE A PANDEMIA, HOSPITAIS, CLÍNICAS E OUTRAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS DA ÁREA DA SAÚDE TIVERAM O FORTE IMPACTO DA DIGITALIZAÇÃO. Porém, a mudança dos serviços para o mundo virtual não foi acompanhada por investimentos em infraestrutura e segurança, o que deixou o setor ainda mais suscetível a ciberataques. Dados pessoais armazenados pelas empresas do segmento passaram a ser o alvo principal de hackers.

Os números assustam. A pesquisa "Geostrategic Outlook 2022", da EY, mostra que houve aumento de 300%, de 2020 para 2021, na quantidade de ataques cibernéticos no mundo. Em 2023, a estimativa é que o valor pago em resgates ultrapasse US$ 34 bilhões por ano – um crescimento de 73% quando comparado com 2021.

De acordo com Demétrio Carrion, sócio-líder de Cibersegurança da EY, com o aumento de golpes, as empresas estão se preparando para evitar ataques. No entanto, não estão se preparando na velocidade correta. "Há problemas crônicos que precisam ser corrigidos na raiz e rapidamente, como, por exemplo, a gestão de acessos", ressalta. Segundo o especialista, a maioria das empresas não está preparada, e isso é comprovado pelo número crescente de ataques e os impactos catastróficos que eles causam.

No setor de saúde, o levantamento realizado pelo Checkpoint Research aponta crescimento de 64% nos ataques às instituições, que ocupa hoje o segundo lugar na lista dos setores com maior número de ataques, atrás somente do varejo. Uma a cada 40 organizações são atacadas por ransomware por semana, um crescimento de 59% no último ano.

Os alertas sobre o assunto estão aumentando, assim como a quantidade de tentativas. O relatório "The Insecurity of Connected Devices in Healthcare", de 2022, desenvolvido pela Cynerio em parceria com o Ponemon Institute, revela que 47% das empresas entrevistadas receberam ataques de ransomware no último ano, sendo que 34% pagaram entre 250 e 500 mil dólares pelo resgate. O estudo mostra que 70% foram atacados três vezes ou mais no último ano, e 43% sofreram violação de dados nos últimos dois anos. O relatório também destaca o aumento em 24% dos casos de mortalidade causadas por ataques cibernéticos.

"Até então, as empresas de saúde não se sentiam alvos por não lidarem com dados bancários. Porém, as informações de um paciente não mudam nunca e podem nutrir detalhes para golpes ainda maiores do que um desvio do saldo bancário. E por que esse dado no mercado vale mais do que de cartão de crédito? Porque ele permite que você faça fraudes muito maiores do que realizar uma compra na internet ou um empréstimo. A partir do dado pessoal do paciente, é possível fraudar seguro de vida, por exemplo, com valores muito maiores do que um roubo de cartão. Em média, dados referentes ao histórico médico de um paciente valem, na dark web, em torno de 50 vezes mais que dados bancários", explica Alexandre Sgarbi, diretor da consultoria de negócios Peers Consulting.

Para o executivo, a enorme cadeia de negócios envolvidos na saúde, desde a rede farmacêutica até os hospitais, torna o setor ainda mais frágil. "Já existem casos de hackers conseguirem o contato de fornecedores de medicamentos de um hospital, por exemplo, fraudar a compra desse medicamento e vender como droga no mercado negro. Há muito espaço para novos crimes cibernéticos no mercado da saúde, pois é algo muito recente", conta Sgarbi, complementando que ataques a equipamentos de saúde podem prejudicar o tratamento de pacientes e colocar a vida deles em risco.

DISPOSITIVOS MÉDICOS

As preocupações com a cibersegurança envolvem também os dispositivos médicos. O relatório "State of Healthcare IoT Device Security Report", de 2022, da Cynerio, aponta que mais da metade dos dispositivos médicos em hospitais estão vulneráveis a uma invasão cibernética. Um terço dos dispositivos de internet das coisas (IoT) usados nos leitos também corre risco. O estudo analisou dados de mais de 10 milhões de dispositivos IoT e de internet das coisas médicas (IoMT) em mais de 300 hospitais e instalações de saúde em todo o mundo.

"Dispositivos médicos e de IoT conectados não protegidos aumentam as oportunidades de ciberataques no setor de saúde. Isso representa um grande risco para a segurança do paciente e da continuidade operacional dos hospitais. Isso corresponde a 500 casos de acometimentos cibernéticos e um prejuízo de mais de US$ 8 milhões", revela Amir Bar-El, fundador da CySource e especialista em cibersegurança.

O documento lista dez dispositivos médicos suscetíveis a ataques. As bombas de infusão estão entre os que correm os maiores riscos: representam 38% dos

equipamentos hospitalares, e 73% têm uma vulnerabilidade conhecida. Os monitores de frequências cardíaca e respiratória e as máquinas de ultrassons também estão na mira dos hackers.

REGULAMENTAÇÃO

Pela alta exposição a ciberataques, os Estados Unidos possuem certificações para segurança da informação na saúde. A HIPAA (Health Insurance Portability and Accountability Act) é uma lei aplicável no território americano que deve ser cumprida pelas empresas do segmento de saúde para proteção dos dados. No Brasil, a lei mais similar à HIPAA é a LGPD.

O Congresso também reconheceu em fevereiro deste ano a proteção de dados pessoais como direito fundamental do ser humano, tornando-a cláusula pétrea da Constituição Federal. No entanto, a adequação das empresas à LGPD ainda é lenta no país, mesmo com penalidades que podem abocanhar até 2% do faturamento anual da empresa.

Diante disso, a resolução nº 2 da Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD), editada em janeiro deste ano, buscou reduzir os custos de adequação à LGPD aos chamados "agentes de tratamento de pequeno porte", como microempresas, empresas de pequeno porte e startups. A flexibilização, porém, exige uma atenção ainda maior ao investimento em segurança digital, já que um ataque traz prejuízos não só financeiros, como de reputação.

DADOS DE UM PACIENTE PODEM VALER 50 VEZES MAIS DO QUE DADOS BANCÁRIOS

PREVENÇÃO

Para reduzir os riscos, é preciso unir capacitação profissional e tecnologia. A Research&Markets estima que o mercado global de produtos de segurança cibernética para saúde deve saltar de US$ 7,2 bilhões em 2019 para US$ 21,5 bilhões até 2026. Com o maior uso de tecnologia e sistemas integrados, hospitais, operadoras e clínicas estão preocupados com o constante crescimento de ataques cibernéticos na área.

"Temos visto alguns casos impactantes quanto à vulnerabilidade de dados na saúde, seja na esfera pública ou privada. Por conta disso, muitos gestores já estão começando a corrida contra o tempo para adotar métodos cada vez mais seguros, e um deles passa pela eliminação da necessidade do uso de logins e senhas ", explica Rodrigo Luchtenberg, diretor de Serviços e Tecnologia da Flowti, empresa brasileira especialista em gestão de TI.

Outro ponto de atenção é quanto ao entendimento dos padrões de cibersegurança, que vão além dos controles internos. "O que muitas empresas de saúde não têm se atentado é sobre fazer checagem periódica também junto aos seus fornecedores de tecnologia, buscando as melhores práticas para corrigir possíveis riscos. Não basta os canais da empresa estarem seguros, é preciso que o alto nível de segurança também seja uma prática em todas as entregas de fornecedores", explica Lucas Paglia, DPO (Data Protection Officer), sócio-fundador na P&B Compliance e Presidente do Comitê de LGPD da Rede Governança Brasil.

André Ceron, diretor de Infraestrutura e Segurança da Bionexo, destaca a importância do investimento destinado à segurança da informação. "Em softwares não licenciados, como não há garantias e atualizações, é possível identificar mais de 2.500 vulnerabilidades nos chamados pentests (ou testes de intrusão), que são capazes de avaliar a segurança de um sistema computacional ou de uma rede, simulando um ataque de uma fonte maliciosa. Já em um software licenciado, como o código-fonte que adquirimos, os testes chegaram a 'zero' vulnerabilidade", afirma.

"É importante que o gestor tenha a noção de que a segurança dos dados é vital para a instituição, e é necessário olhar com atenção também para a segurança dos dispositivos em setores de cuidados críticos", conclui Paulo Schorr, CEO da Flowti, empresa de gestão de TI para a saúde.

PULSANDO PELA VIDA

Evento discute o atual cenário das doenças cardiovasculares e as perspectivas em termos de tratamento, prevenção e desafios para 2023

ENFRENTAR O AVANÇO DAS DOENÇAS CARDIOVASCULARES – principal causa de óbitos no Brasil e no mundo – traz grandes desafios, mas também grandes oportunidades, à medida que todos os players envolvidos na saúde se unam para a busca de soluções. Essa foi a tônica dos palestrantes no painel "Cenários brasileiro e mundial das doenças e agravos cardiovasculares, gaps e perspectivas para 2030", no evento "Pulsando pela Vida", promovido pela Associação Brasileira da Indústria de Tecnologia para Saúde **(ABIMED)** em debate ao Setembro Vermelho, que busca conscientizar a sociedade para a importância da prevenção e os cuidados das doenças cardiovasculares.

"Esses óbitos [por doenças cardiovasculares] causam grande impacto no Brasil e no mundo. Sendo uma entidade que representa 65% do mercado de equipamentos e dispositivos médicos no país, temos amplo interesse nessa discussão", destacou Fernando Silveira Filho, presidente da ABIMED.

De acordo com Fátima Dumas Cintra, presidente da Sociedade Brasileira de Arritmias Cardíacas (SOBRAC), mesmo com o aumento de mortes por doenças oncológicas, os óbitos por doenças vasculares continuarão sendo significativos pelos próximos 30 anos. "Temos que focar na prevenção e na pesquisa clínica", apontou a médica. Segundo a presidente da SOBRAC, os "anos dourados" de declínio das mortes por essa causa duraram até 2010. Mas, desde então, o que se percebe é um aumento significativo dos casos, impulsionado pelo envelhecimento da população e pela baixa no controle dos fatores de risco comportamentais e sociais, como sedentarismo, obesidade, distúrbios do sono, poluição e baixo nível educacional, entre outros.

Na prevenção primordial, Fátima destaca a importância de se iniciar na fase da infância, envolvendo, portanto, os profissionais da pediatria. "Filhos de mães de diabetes gestacional serão diabéticos, então, a criança precisa ser foco de prevenção", alerta. Na área da pesquisa, segundo a médica, é preciso estabelecer ferramentas que sejam efetivas e resultem em informações de qualidade. "Talvez o caminho seja integrar os diversos bancos de dados, inclusive da saúde suplementar, que tem uma base riquíssima, mas que não acessamos."

"GESTORES DA SAÚDE"

Ampliar as informações disponíveis e em tempo real para os médicos poderá viabilizar o surgimento de verdadeiros "gestores da saúde", de acordo com João Fernando Monteiro Ferreira, presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC). "Hoje, o médico espera o doente vir ao consultório. Mas, talvez no futuro, com os dispositivos vestíveis e não vestíveis, ele poderá ser o gestor da saúde daquele indivíduo e de toda a coletividade." Com a disponibilização dessas variáveis em prontuários eletrônicos, os profissionais teriam acesso a um universo infindável de informações. "Vemos a importância do conceito do Big Data, o uso da inteligência artificial e de outros avanços tecnológicos, transformando dados em informações valiosas que possam influenciar as políticas de saúde", vislumbra João Fernando.

CAPACITAÇÃO E PARCERIAS SÃO ATIVOS VALIOSOS PARA A CARDIOLOGIA

O cenário das doenças cardiovasculares é, nas palavras dele, uma tragédia, o que define a urgência das ações. "Proponho trocar o Setembro Vermelho para o ano todo vermelho", alertou, acrescentando que não se pode acreditar no mito de que essas enfermidades mais acometem pessoas idosas e do sexo masculino. "Entre as mulheres com mais de 40 anos, a doença cardiovascular já é a principal causa de morte, assumindo um protagonismo e competindo fortemente com as enfermidades oncológicas", citou o médico. "Hoje, temos muitos doentes, pouca prevenção e muita intervenção, mas é necessário virar essa balança para muita saúde, muita prevenção e pouca intervenção", nas palavras do presidente da SBC. "Temos que lançar mão de tecnologia que não seja medicamento, por exemplo, a telemedicina. Nessa área, temos uma experiência muito rica por meio de um convênio que estabelecemos com o estado do Amazonas, que está alcançando as populações ribeirinhas", destaca ele.

"A telemedicina pode diminuir a espera por uma simples consulta", analisou o vice-presidente da Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia Vascular (SBACV), Armando de Carvalho Lobato, destacando que o Projeto de Lei 1998/20 a aprovou em caráter de emergência, mas falta ainda sua aprovação final para

se tornar lei. Ele também ressaltou a importância da prevenção e do tratamento precoce para baixar a curva dos óbitos no Brasil, em função das doenças cardiovasculares. "O que mais acomete o brasileiro é a falta de prevenção. Mas como podemos falar em prevenção se a fila de espera para uma cirurgia de varizes é de seis anos no Hospital das Clínicas e de cinco anos na Unicamp?" indaga o médico.

IMPORTÂNCIA DO TRABALHO CONJUNTO

Na visão do presidente da Sociedade Brasileira de Hemodinâmica e Cardiologia Intervencionista (SBHCI), Ricardo Alves da Costa, cinco aspectos podem auxiliar na busca de soluções para mitigar os problemas relacionados ao setor. Um deles é o acesso de todos os pacientes aos serviços existentes, como a medicina de alta complexidade. "Menos de 10% dos pacientes infartados têm acesso à angioplastia primária, um procedimento que reduz a mortalidade para menos de 5%", lamenta o médico.

A educação médica continuada e a valorização dos profissionais da saúde são outras áreas que necessitam de atenção especial. "Temos que oferecer condições para o treinamento e valorizar aqueles que atuam na área, mesmo que sejam necessárias modificações no financiamento da saúde", diz Ricardo. A integralidade dos diferentes setores é outro elo da corrente que precisa funcionar, afinal, segundo ele, "pouco adianta termos inovações que oferecem grandes benefícios para poucos".

A definição de objetivos é o quarto aspecto imprescindível para a superação dos desafios. "Precisamos atuar com base em metas específicas. Apenas mediante essa visão clara vamos saber como e para onde avançarmos." Por fim, ele falou da importância da homogeneidade no atendimento em um país tão heterogêneo quanto o Brasil. "Dos 550 serviços de hemodinâmica disponíveis no país, cerca de 80% estão localizados no Sul e Sudeste; não podemos continuar assim", enfatizou.

SERVIÇOS E TECNOLOGIAS CARDIOVASCULARES NO SUS

Alfredo José Mansur, diretor do corpo clínico do Instituto do Coração (InCor), destacou uma série de dados e informações sobre o uso de tecnologia na instituição. "Temos um enorme empenho na inovação tecnológica, distribuída em todos os institutos do complexo", afirmou. A principal delas é o Meu Prontuário InCor, plataforma de prontuário eletrônico utilizada no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. As tecnologias perpassam setores administrativo e clínico. Outras tecnologias são o IConf, plataforma de telemedicina; o InCor Digital, para consulta a exames e receitas, com 30 mil pacientes usuários, sendo 82% do SUS; e a ECG AI, que trabalha com inteligência artificial para a classificação automática dos eletrocardiogramas realizados na emergência.

Ele também fez um balanço dos prós e contras do uso da tecnologia no atendimento cardiológico, incluindo a relação a distância entre paciente e médico. "O tempo de escuta do paciente na telemedicina é maior do que nos atendimentos presenciais. Por outro lado, questões diagnósticas são mais delicadas para serem tratadas nessa modalidade", ponderou. No entanto, a experiência geral do InCor com as tecnologias digitais de atendimento tem sido positiva. O diretor apresentou o case RUTE Network, aplicado durante a pandemia. "Criamos no Incor uma equipe de consultoria em telemedicina, com médicos, enfermeiros e fisioterapeutas, funcionando durante 24 horas por dia, ao longo de 90 dias", contou. O serviço de TeleUTI foi estendido para 19 hospitais públicos do estado de São Paulo, com diminuição do tempo de hospitalização e mortalidade. O InCor também ofereceu serviço de TeleUTI de Emergência em Cirurgia Torácica.

Já Geraldo Reple Sobrinho, secretário de saúde do município de São Bernardo do Campo-SP, abordou a problemática da atenção básica em doenças cardiovasculares. Ele destacou alguns números das ações de atenção primária do SUS, incluindo visitas domiciliares e procedimentos ambulatoriais. "Foram 450 milhões de visitas domiciliares em 2021. Não existe no mundo sistema como esse", observou. Em seguida, mostrou os dados de doenças cardiovasculares no Brasil, principal motivo de internações e mortes no país. "A atenção primária é fundamental para melhorar esses indicadores", lembrou. Nesse quesito, o acesso rápido a especialistas em cardiologia é fundamental. Mas a base disso é o trabalho interdisciplinar. "O SUS começa na ponta. Se não trabalharmos com a enfermagem e agentes comunitários, não conseguiremos fazer uma boa prevenção de doenças cardiovasculares. Se não agirmos na ponta, vamos virar um país de doentes", alertou.

Programas de capacitação e parcerias são ativos valiosos para a melhoria da atenção básica na cardiologia. Até mesmo os planos de saúde, lembrou o secretário, passaram a investir na saúde da família. "É um profissional que acompanha um grupo familiar e sua comunidade, e conhece suas condições de vida", destacou, observando que, em se tratando de doenças do coração, estilo de vida, alimentação e elementos afins devem ser de conhecimento do profissional. Essa visão holística sobre o paciente será melhor trabalhada quando os sistemas público e privado forem integrados. "É preciso que exista interoperabilidade dos sistemas. Sem isso, ficaremos patinando", destacou.

PERSPECTIVA DA INDÚSTRIA

O quarto e último painel do Pulsando pela Vida, "Como a tecnologia é utilizada para os cuidados cardiovasculares", trouxe representantes de quatro empresas associadas à ABIMED que apoiaram o evento, com mediação de Felipe Carvalho. Alexandre Ribeiro, gerente de produto da Medtronic, apresentou os pilares da empresa e sua relação com a inovação. "Todos os anos são lançados produtos, terapias e estudos clínicos. É através da tecnologia que conseguimos atender a missão da companhia: prolongar a vida, aliviar a dor e estabelecer a saúde.

Cléber de Paula

Ela é fundamental, e para fazer a diferença é preciso investir em inovação", sintetizou.

Alex Montini, country manager da Biotronik, lembrou que a operação da saúde no Brasil é repleta de particularidades, como o acesso a tratamento especializado, cujas dificuldades impõem gargalos consideráveis no acesso à tecnologia. "A doença cardiovascular causa mortes silenciosas. Muitos pacientes morrem sem ter acesso. Ainda existe muita dificuldade para a entrada e aceitação de novos produtos", afirmou. O executivo lembrou o olhar imediatista, que visa o curto prazo, dificulta a penetração de inovação na saúde privada, e que, no sistema público, as verbas e repasses prejudicam o acesso de pacientes a novas tecnologias.

Já para Danilo Urtado, head de marketing do Boston Medical Group, além dos desafios já citados pelos outros painelistas, a empresa encara hoje a tarefa de mudar o mindset, passando do tratamento para a prevenção. "Para trazer essa nova visão ao mercado", diz ele, "a empresa tem investido em novas parcerias, inclusive com hubs de startups." Além da tecnologia em si, a companha tem investido em educação e comunicação. "A qualidade da informação é um desafio, queremos chegar até o paciente para que ele saiba o que procurar e quando procurar como forma de prevenção", contou.

Marcelo Carvalho, diretor da Edwards Lifesciences, destacou a atuação da empresa no segmento. "Nossa empresa trabalha focada na doença estrutural cardíaca e em monitoramentos avançados, e 18% do nosso faturamento vai para essa área, e por isso somos uma empresa de produtos nichados", afirmou. Operando globalmente, e de forma incipiente no Brasil e América Latina, segundo o diretor, a empresa tem o desafio de inserir novas tecnologias atendendo questões de preços. "Corremos o risco de sucatear o sistema se não formos receptivos a novas tecnologias, que têm um custo mais alto. Mas estamos tendo bons resultados no Brasil e região. E por isso é importante pensarmos juntos, pois assim encontramos soluções", afirmou.

Fernando Silveira Filho ressaltou que as grandes oportunidades virão pela discussão do complexo econômico industrial da saúde, que estará na pauta de qualquer novo governo. "Nossa indústria tem muito a trazer para o país e precisa estar conectada. Com a melhoria do cenário de negócios, teremos oportunidade de ingressar nas cadeias globais de abastecimento", concluiu.

PRECISAMOS FALAR SOBRE A RESPONSABILIDADE DAS LIDERANÇAS

Atuação íntegra, pautada em valores éticos tácitos, é fator estratégico de sucesso para a saúde

Keko Pascuzzi

EDUARDO WINSTON SILVA

"GARANTIR A SUSTENTABILIDADE DO SISTEMA DE SAÚDE E A SEGURANÇA DO PACIENTE, por meio de uma conduta ética entre os atores em um ambiente de concorrência justa e transparente." Com esse objetivo, o Instituto Ética Saúde surgiu em 2015. De lá para cá, contabiliza muitos avanços. Inclusive, é referência para outros setores da economia que acreditam, assim como nós, que a autorregulação é o caminho mais curto para a redução do oportunismo. Acreditamos que, quando toda a cadeia enfatiza o diálogo, dando holofote aos gargalos que denotam as deficiências nas relações econômicas entre os players do setor, tudo muda, e conseguimos assim vislumbrar um encurtamento para combater o oportunismo. Lembrando que a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico aponta que o caminho da autorregulação confere notória credibilidade à regulamentação produzida, dando ênfase à sua validade, pois envolve setores e partes interessadas em todo o processo, o que reflete de forma direta a otimização na utilização dos recursos. De modo assertivo, o "Guia para Avaliação de Concorrência" da OCDE afirma que os conhecimentos específicos dos participantes, em caso de autorregulação, são utilizados como forma de trazer sustentação para o processo regulatório, tendo como importante característica normas devidamente adaptadas ao propósito do setor, em nosso caso, a Saúde.

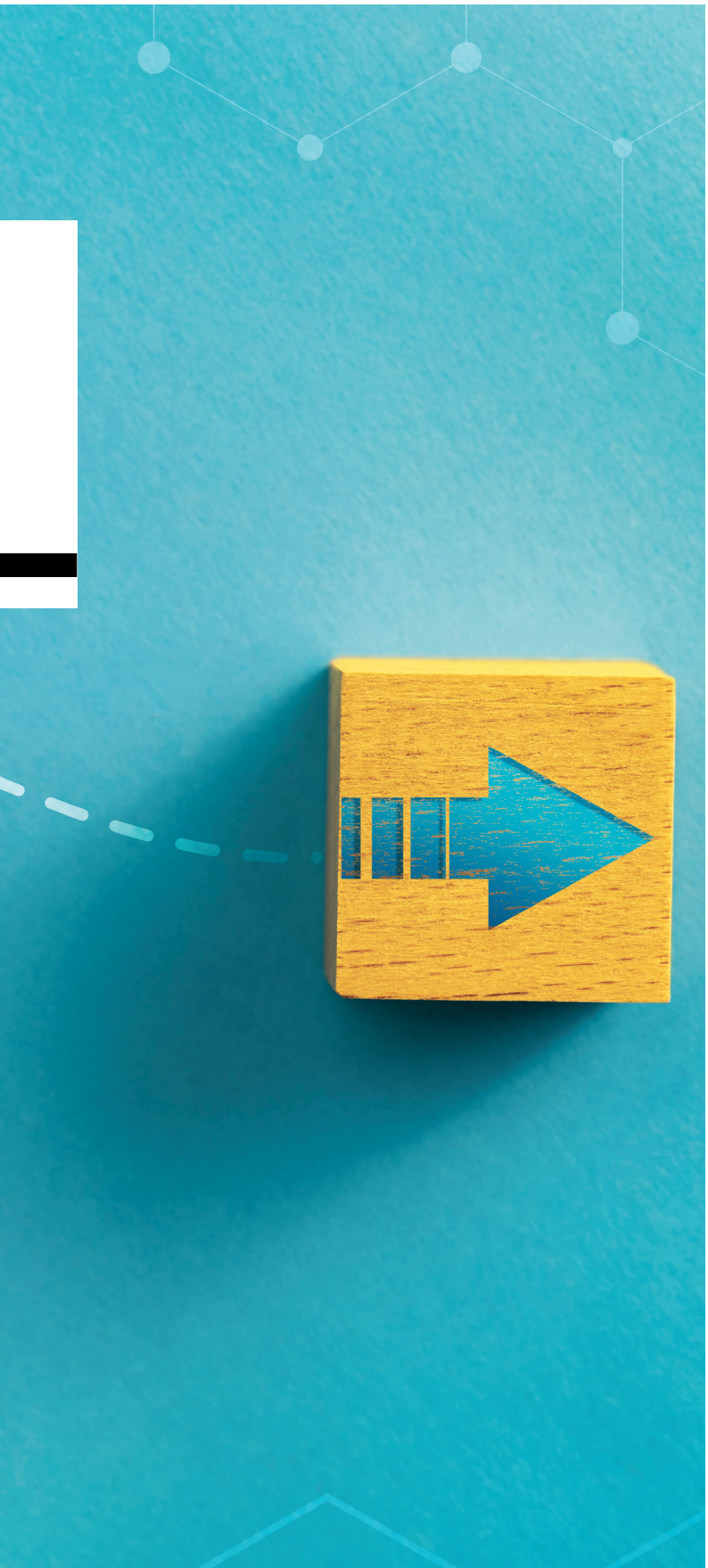
Apesar dos avanços nesses sete anos de Instituto Ética Saúde, quando olhamos para os números — e eles dizem quase tudo — percebemos que ainda estamos longe do razoável. Vou citar aqui dois dados: considerando que, no Brasil, pelo menos 2,3% de tudo o que é investido na saúde se perde com fraudes, e que o orçamento destinado ao setor (público e privado) nos últimos anos correspondeu a 9,2% do PIB — R$ 680 bilhões —, concluímos que R$ 22,54 bilhões vão parar em mãos erradas a cada ano, ao invés de serem destinados à aquisição de equipamentos mais modernos, medicamentos, contratação de médicos, construção de hospitais, e assim por diante.

Outro dado: o Portal da Transparência mostra que 36,28% do que se investe em saúde são destinados à Assistência Hospitalar e Ambulatorial; 31,25%, para a Administração Geral; 17,16%, para a Atenção Básica; e 7,55%, para o Suporte Profilático e Terapêutico. Ou seja, a segunda maior destinação — R$ 47 bilhões — são gastos com controles, gerenciamento e administração. Este é o 'custo da falta de confiança' ou 'custo da ineficiência'. Imaginemos 10% a mais de investimento em saúde. São R$ 71 bilhões. Dinheiro suficiente para a construção de 10 hospitais com 130 leitos cada, ou 88 mil mamógrafos de última geração, ou ainda 11,8 milhões de marcapassos.

Só existe uma maneira de reverter esses números. Precisamos parar de pensar na saúde como um jogo de "soma zero", onde um ganha mais em detrimento de outro que perde. Temos que conseguir construir modelos colaborativos, "ganha-ganha", que promovam eficiência e possibilitem entregas de maior qualidade. O desafio é como desenvolver um ambiente onde a atuação íntegra seja a única aceita, promovendo o aumento da confiança, possibilitando a autonomia e melhorando a satisfação dos indivíduos da cadeia e da população atendida.

Nossas lideranças seguem defendendo interesses dos setores que representam, sem conseguir criar uma coordenação horizontal efetiva que reduza os custos de transação, aumentando a eficiência da cadeia. Os avanços na saúde são inquestionáveis, mas ainda não entregamos à população aquilo que poderíamos, dadas as nossas capacidades. Poderíamos ser mais eficientes, entregar mais, e mesmo remunerar melhor a cadeia, se o nível de confiança entre os agentes fosse maior. Nesse sentido, a atuação íntegra, pautada em valores éticos tácitos, está

AVANÇOS NA SAÚDE SÃO INQUESTIONÁVEIS, MAS AINDA NÃO ENTREGAMOS À POPULAÇÃO AQUILO QUE PODERÍAMOS



sendo apontada como fator estratégico de sucesso.

Vamos seguir investindo: pesquisa, capacitação de profissionais, tecnologias e infraestrutura. Seguiremos atraindo investimentos privados e alocando uma parcela relevante do orçamento da União. Isso representa a continuidade de algumas tendências, aceleração de outras e disrupção em alguns segmentos. Há, contudo, uma grande oportunidade. Algumas tecnologias que estão surgindo têm potencial para mudar a forma como as transações ocorrem na cadeia. Seja pela promoção efetiva do que denominamos "patient engagement" ou pela promoção de mais transparência nas transações. Tais tecnologias podem auxiliar o desenvolvimento de novos modelos de negócio e proporcionar um ganho importante de eficiência no setor.

Em paralelo, mudanças importantes estão ocorrendo. Por exemplo, a nova legislação que substitui a antiga Lei Geral de Licitações e Contratos da Administração Pública, 8.666/1993, a Lei do Pregão, 10.520/2002, e o Regime Diferenciado de Contratação (RDC, 12.462/2011) — que entra em vigor em abril de 2023. O sucesso da nova lei, que coloca em evidência parâmetros efetivos para o fortalecimento da governança na administração pública, depende muito de como as lideranças vão atuar. Precisamos de assertividade para que esse processo seja produtivo. E o papel das associações é fundamental. Precisamos sentar e discutir a diminuição da burocracia.

Temos a convicção que a mudança depende do diálogo franco. Por isso, o Instituto Ética Saúde está trabalhando no empoderamento das associações, entidades e sociedades que representam todos os elos dessa cadeia, por meio do nosso Conselho Consultivo, que conta hoje com 29 instituições. Estamos falando da indústria, distribuição, hospitais, laboratórios, operadoras de saúde, médicos, profissionais de saúde e representantes dos pacientes sentados à mesma mesa, debatendo com franqueza os erros e acertos.

Tudo dependerá da forma de adoção, o que mais uma vez reforça a responsabilidade das lideranças. Em algum momento, no futuro, iremos avaliar a evolução da saúde no país e, de certa forma, estaremos julgando o trabalho daqueles que tinham influência e deveriam ter liderado as mudanças necessárias.

Eduardo Winston Silva é presidente do Conselho de Administração do Instituto Ética Saúde.

EM ÉPOCA ELEITORAL, UMA OPORTUNIDADE PARA A SAÚDE

O setor privado precisa organizar-se, dialogar com todos os segmentos do país e estar, uma vez mais, pronto para esse diálogo

ANTÔNIO BRITTO

Divulgação

QUEM IMAGINAVA O CONTRÁRIO, ENGANOU-SE. Apesar das quase setecentas mil mortes e das extraordinárias feridas deixadas pela pandemia, decorre outra campanha eleitoral e o tema da saúde, de novo, não é central nos debates e nas manifestações dos candidatos. Pior: quando anunciados, os planos para o setor ou desfilam generalidades, ou prometem soluções mágicas e de curto prazo.

É verdade que a forma de representação do sistema de saúde, pulverizada em dezenas de entidades, segmentos e lideranças, contribui enormemente para isso. Se nós próprios não nos vemos ou não agimos como um todo, com questões que atingem a todos e que não serão resolvidas com providências segmentadas, não parece razoável esperar que "os de fora" corrijam nosso erro. Ao contrário, cada segmento tende a defender pontos específicos, raramente conectados com as grandes causas das dificuldades que o país enfrenta.

Nossa primeira contribuição coletiva bem que poderia ser a descrença e a oposição a qualquer proposta que queira resolver problemas do sistema de saúde no curto prazo, com ações meramente emergenciais ou paliativas. O que serve à política — a ideia de que existem soluções para tudo, e que boa parte delas terão resultados imediatos — desserve à saúde. Não precisamos de políticas de governo, mas de Estado; não queremos propostas com a duração de mandatos ou gestões; precisamos retomar o planejamento que garanta consistência e continuidade para a correção de nossos problemas. De temporária basta a coleção de fotos dos Ministros da Saúde, exposta no andar térreo do Ministério, em Brasília: treze fotos em 18 anos. Ou a situação dos municípios: no mandato de 2017 a 2020, um terço das 5.700 cidades brasileiras trocou de Secretário da Saúde antes que se completasse um ano de gestão. Que segurança jurídica e previsibilidade podemos alcançar nesse cenário?

A crise do sistema político, tão grave entre nós ao priorizar o imediatismo e a volatilidade em programas de saúde pública, traz uma segunda e crítica

O QUE SERVE À POLÍTICA — A IDEIA DE QUE EXISTEM SOLUÇÕES PARA TUDO, E QUE BOA PARTE DELAS TERÃO RESULTADOS IMEDIATOS — DESSERVE À SAÚDE

consequência: desmontamos equipes técnicas, desconsideramos projetos que estavam em andamento com bons resultados, partidarizamos a gestão. Nenhum exemplo melhor que o do Programa Nacional de Imunização, antes um exemplo de política que atravessava governos, protegendo a população e tornando-se exemplo mundial. Hoje, uma saudade que preocupa com os baixíssimos índices de cobertura vacinal em doenças que havíamos erradicado.

Em uma hipotética conversa com candidatos, bem que poderíamos começar por aí: o Brasil tem competência técnica e projetos bem elaborados para a quase totalidade dos problemas que enfrenta. Basta que alguém queira ouvir a saúde e não pretender subordiná-la à lógica do imediato.

Essa situação fica evidente em uma publicação que a Anahp acaba de lançar em parceria com o prestigiado site de notícias JOTA: "Propostas para o futuro da saúde no brasil: como criar caminhos de acessibilidade, igualdade e modernidade" (disponível para acesso gratuito em https://www.anahp.com.br). Ouvimos 53 dos mais competentes e renomados especialistas em saúde pública do país, das mais diferentes posições ideológicas, de diversos segmentos e áreas de atuação. A leitura de seus depoimentos e sugestões mostra que existem fortes consensos em matéria de saúde pública, apesar de tudo. E faz lembrar o verso do Paulinho da Viola — "as coisas estão no mundo, só que é preciso aprender".

Aprender que o SUS precisa de novas fontes de financiamento sem prejuízo de resolver a crise de eficiência, em grande parte decorrente dos conflitos entre municípios, estados e a União, tão visíveis na pandemia; que o setor privado pode oferecer muito mais, desde que receba segurança jurídica e previsibilidade para realmente ampliar a parceria com o setor público (a pandemia mostrou como isso é possível e fundamental); que a telessaúde finalmente chegou e pode, se formos racionais, tornar-se um atalho maravilhoso para a correção do mais grave de nossos problemas: a falta de acesso de boa parte da população a serviços de saúde. Ou, ainda, como defende com absoluta razão a ABIMED, que uma revisão inteligente na estrutura tributária e um programa sem preconceitos podem alavancar tanto a indústria nacional de equipamentos quanto a interação destes e do Brasil com as principais empresas globais do setor. E transformarmos a tecnologia, ao contrário da lenda, em fator essencial para ampliar o acesso, reduzir custos e aumentar a eficiência.

Enfim, temos os problemas e temos as soluções. O que tem faltado, e de forma infelizmente agravada nos últimos tempos, é a condição para que saibamos nos sentar como setor e como país, discutir tecnicamente, elaborar e manter projetos de médio e longo prazos.

Cada eleição, não importa a posição de cada um, é a oportunidade que só a democracia oferece de podermos respirar fundo, esquecer frustrações passadas e começar de novo o diálogo com os escolhidos pela população em favor do sistema de saúde pública. O setor privado precisa organizar-se, dialogar com todos os segmentos do país e estar, uma vez mais, pronto para esse diálogo. Desistir, jamais.

Antônio Britto é diretor-executivo da Anahp Associação Nacional de Hospitais Privados.

ESG
$

O PODER DA ECONOMIA CIRCULAR

Com princípios de reparar, reutilizar e reciclar, empresas e academia se unem em novo Movimento do Pacto Global da ONU no Brasil

O FUTURO É CIRCULAR: OS PRINCÍPIOS DA ECONOMIA CIRCULAR – reparar, reutilizar e reciclar – são peças-chave para alcançar cadeias de suprimento sustentáveis em uma economia global cada vez mais interconectada. A ideia integra o novo Movimento do Pacto Global da ONU no Brasil, que pretende conectar instituições e iniciativas para a transformação de modelos de negócio voltadas à circularidade, possibilitando a geração de capital econômico, natural e social e contribuindo para a redução efetiva das emissões de gases de efeito estufa.

Lançado durante a Assembleia Geral da ONU (UNGA) em setembro, o Conexão Circular, novo movimento do Pacto Global, pretende definir e implementar projetos que criem processos alinhados com a eliminação de resíduos e da poluição desde o princípio, acelerando e apoiando a transição de uma economia circular e de baixo carbono no Brasil.

"Esse é o oitavo movimento da Ambição 2030, a estratégia do Pacto Global da ONU no Brasil lançada em abril já formada por sete grandes iniciativas, criadas para endereçar as principais questões que hoje enfrentamos no Brasil. Os movimentos são um chamado às empresas brasileiras para reconhecerem a urgência e a necessidade de promover ações concretas", diz Camila Valverde, COO do Pacto Global da ONU no Brasil, que lidera a Frente de Impacto.

AMBIÇÃO 2030

Em abril, a Rede Brasil do Pacto Global da ONU, hoje a maior ação de sustentabilidade corporativa do mundo, anunciou o lançamento da Ambição 2030, iniciativa composta por sete grandes Movimentos, criados para acelerar as metas propostas pela Agenda 2030 da ONU.

Para Carlo Pereira, diretor-executivo do Pacto Global, alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) é uma prioridade, e o engajamento do setor privado é fundamental para isso. Fazem parte da estratégia os seguintes Movimentos: Mente em Foco, Elas Lideram 2030, +Água, Salário Digno, Raça é Prioridade, Ambição Net Zero e Transparência 100%, que tratam de questões relacionadas à saúde, direitos humanos, clima, acesso à água e anticorrupção. (Veja no box ao lado.)

"Perceber que cada um tem seu papel e sua responsabilidade nessa transformação é fundamental. A mudança das estratégias empresariais é crucial, e nós, como líderes empresariais, somos parte do problema, mas, juntos, somos também a solução", afirma.

Já para Camila Valverde, o momento é decisivo: "Com os Movimentos, o Pacto Global se une às empresas para alcançar os ODS fundamentais para o Brasil, como Água Potável e Saneamento, Redução das Desigualdades ou a Ação contra a mudança global do clima, por exemplo. Precisamos, cada vez mais, de empresas comprometidas com metas e com todo o caminho traçado para se chegar a elas. Não adianta se comprometer com um objetivo para 2030, sem detalhar as ações e estratégias para alcançá-las. Temos que fazer a diferença agora".

Carlo Pereira, diretor-executivo do Pacto Global

FUTURO SUSTENTÁVEL

Jeremy Oppenheim, sócio sênior da consultoria Systemiq, ressalta que a promoção da economia circular é essencial e o Brasil tem potencial de liderar a agenda a partir da abundância de recursos naturais, energia limpa e inovação.

"O único futuro possível é baseado em três Ds: digitalização, descarbonização e desmaterialização. É preciso, por exemplo, criar mais mercados focados em revenda e economia circular. Além disso, o Brasil é incrível em inovação, recursos naturais e outros fatores que podem colocá-lo na vanguarda dessa agenda."

Já Carlo Pereira lembra da necessidade de agir agora: "As empresas precisam tomar para si a responsabilidade de criar processos alinhados com a eliminação de resíduos e da poluição desde o princípio. Nossa ambição é conectar instituições e iniciativas existentes para acelerar a geração de oportunidades e investimento para a transformação de modelos de negócio para a circularidade, possibilitando geração de capital econômico, natural e social, contribuindo para a redução efetiva das emissões de GEE".

CONHEÇA OS 7 MOVIMENTOS

Mente em Foco promove Saúde e Bem-Estar (ODS 3), convida empresas e organizações brasileiras a trazerem para o centro das decisões a pauta da saúde mental, estimular a discussão sobre o tema, estabelecer ações concretas e de suporte aos seus colaboradores, e criar um ambiente de trabalho saudável. O objetivo é que a saúde mental seja tratada não apenas como uma medida emergencial, mas como um tema perene e que faça parte da estratégia de negócio das companhias.

Movimento Elas Lideram 2030 pretende ajudar as empresas a assumirem e atingirem metas concretas pela equidade de gênero, tendo ao menos 50% de mulheres em cargos de alta liderança. O objetivo final é ter mais de 1.500 empresas comprometidas, promover 11 mil mulheres para esses cargos até 2030 e ter pelo menos 150 lideranças de alto nível engajadas nisso.

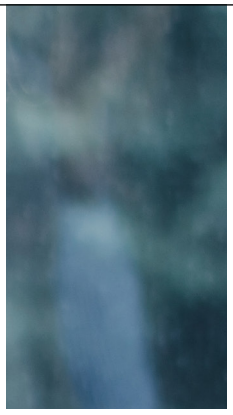
+Água busca acelerar a universalização do saneamento e da segurança hídrica do Brasil e tem a ambição de impactar a vida de mais de 100 milhões de pessoas. A definição de metas é tida como uma maneira poderosa de impulsionar as empresas com vantagem competitiva na transformação da sociedade, para a universalização do saneamento e a segurança hídrica no país, avançando no ODS 6 (Água Potável e Saneamento).

Movimento Salário Digno tem a ambição de garantir 100% de salário digno para funcionários e funcionárias, incluindo operações, contratados(as) e/ou terceirizados(as). O objetivo é engajar toda a cadeia de suprimentos para desenvolver metas de salário digno, aspecto essencial para que trabalhadores e trabalhadoras, suas famílias e comunidades possam viver com dignidade e ter um padrão de vida decente na busca pelo ODS 8 (Trabalho decente e crescimento econômico).

Movimento Raça é Prioridade trabalhará para promover mais de 15 mil pessoas negras (negras, indígenas, quilombolas ou pertencentes a outro grupo étnico minoritário) em cargos de liderança até 2030, mais de 20 mil pessoas negras capacitadas, com mais de 1.500 empresas comprometidas com esse tema fundamental para o Brasil.

O Movimento Ambição Net Zero pretende colaborar para a redução de 2 gigatoneladas de CO2 e em emissões acumuladas. Para isso, trabalhar localmente com reduções de emissões de gases de efeito estufa é indispensável para impactar positivamente a sociedade brasileira e o meio ambiente global, dentro do ODS 13 (Ação contra mudança global do clima).

Movimento Transparência 100% objetiva desenvolver instituições eficazes, responsáveis e transparentes em todos os níveis, encorajando e capacitando as empresas para ir além das obrigações legais, fortalecendo mecanismos de transparência e integridade, dentro do ODS 16 (Paz, Justiça e Instituições Eficazes).



ABIMED LANÇA PROJETO DE EDUCAÇÃO CONTINUADA

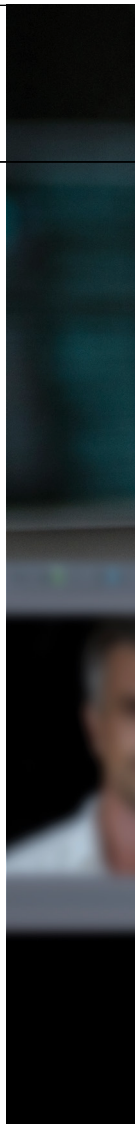
Associação desenvolve programa de cursos de extensão em formato EAD visando a capacitação dos colaboradores de associadas, além de projeto de incentivo voltado à educação de base

O ESTUDO CONTÍNUO É NECESSÁRIO PARA PROFISSIONAIS DE TODAS AS ÁREAS. E o universo da saúde, impactado de forma contínua por descobertas científicas e inovações tecnológicas, exige ainda mais atualização dos profissionais. Atenta a essa conjuntura, a Associação Brasileira da Indústria de Tecnologia para Saúde (ABIMED) lançou o Campus ABIMED, iniciativa destinada à qualificação especializada por meio de treinamentos direcionados para as necessidades do setor de dispositivos médicos. O projeto faz parte de ações da associação relacionadas ao seu eixo estratégico de Educação e irá abranger todas as esferas de atuação, das áreas operacionais às de gestão.

Realizado em parceria com renomadas entidades de ensino, bem como com patrocinadores institucionais, o Campus ABIMED oferecerá formações específicas para atender às demandas do setor e contemplará desde cursos de atualização de curta duração até pós-graduação strictu sensu (mestrado e doutorado) e MBA, no modelo das universidades corporativas.

"Por meio da educação continuada dos profissionais, o Campus ABIMED tem como objetivo agregar qualidade ao setor e diminuir as suas defasagens, além de tornar a associação uma referência nacional na capacitação da área de saúde", ressaltou Fernando Silveira Filho, presidente da ABIMED.

Segundo ele, o Campus ABIMED pode ser definido como uma iniciativa circular de fomento à educação. A primeira camada é composta pela educação dos associados, como uma universidade corporativa. Os cursos e formações, oferecidos de forma modular no primeiro momento, serão resultados de parcerias com instituições como o SENAI CIMATEC, voltado para a área de tecnologia, e a Leandro Morilhas Soluções Educacionais, dedicada à educação corporativa e à gestão. "Serão cursos de diferentes naturezas, cobrindo questões como tecnologia e inovação. Estamos no modo piloto, com a grade estruturada para 2023, mas o desenvolvimento do



OS PRIMEIROS CURSOS OFERECIDOS SERÃO DE AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS REGULATÓRIOS NO CICLO DE VIDA DO PRODUTO MÉDICO, AVALIAÇÃO DE TECNOLOGIAS EM SAÚDE E AVALIAÇÕES ECONÔMICAS EM SAÚDE

Campus continuará, até chegar ao oferecimento da pós-graduação stricto sensu, com cursos de mestrado e doutorado", adiantou.

Os primeiros cursos oferecidos serão de Avaliação dos Impactos Regulatórios no Ciclo de Vida do Produto Médico, Avaliação de Tecnologias em Saúde e Avaliações Econômicas em Saúde. Todos terão carga horária de 24 horas, com aulas remotas e síncronas ministradas no período noturno de segunda a sexta-feira e nos sábados pela manhã. São cursos piloto, na modalidade extensão, com emissão de certificado.

Valdir Gomes Barbosa, gestor de novos negócios em Sistemas Avançados de Saúde do SENAI CIMATEC, é o responsável por iniciar as primeiras formações do Campus ABIMED, ministradas por professores da instituição de ensino e pesquisa tecnológica. "Somos um centro universitário que trabalha no apoio à indústria em suas diversas facetas, e por isso a parceria com a ABIMED é salutar", comemorou.

Segundo Barbosa, a iniciativa é apenas o começo. "A partir da consulta aos associados ABIMED a respeito das necessidades de atualização e educação dos seus funcionários pretendemos formatar um curso de pós-graduação lato sensu, e depois, quem sabe, mestrado e doutorado. É o ponto inicial de uma ação conjunta e colaborativa", afirmou.

EDUCAÇÃO 4.0

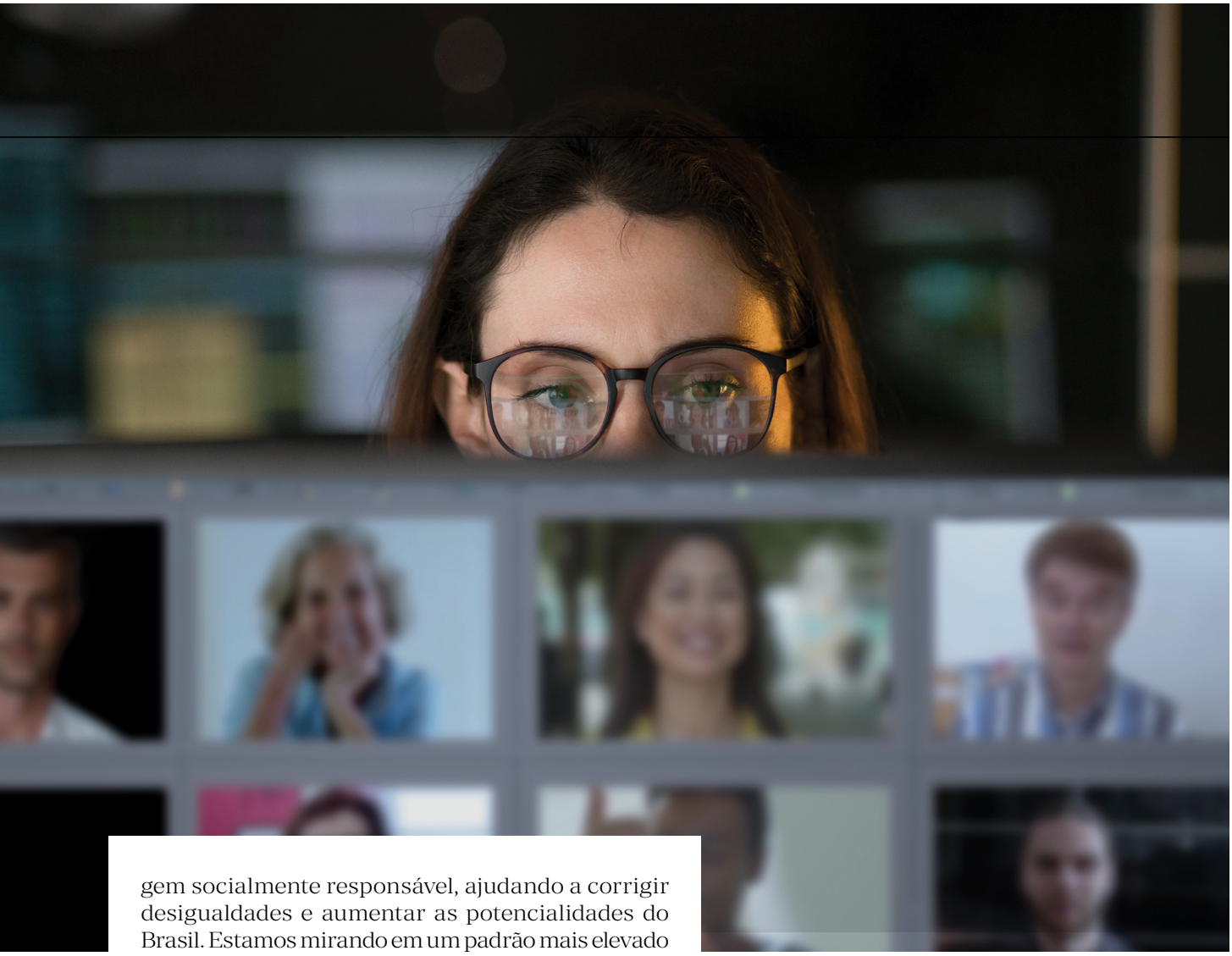
Em outra vertente, a ABIMED contará com a parceria da consultoria Leandro Morilhas, que desenvolve soluções de Educação 4.0 e customizadas para empresas a partir da estratégia de seus negócios. Trabalhando há 15 anos com soluções educacionais para empresas, ele destaca como a quarta revolução industrial está transformando o que entendemos por educação. "Essa revolução industrial é diferente, porque o motor dela é informação. Temos um mundo novo, da hiperconexão, da economia compartilhada, da integração de oferta e demanda e da customização. É nesse sentido que surge o Campus ABIMED", sintetizou.

Segundo o especialista, a jornada de uma economia de produtos para uma economia de serviços, baseada na conectividade, já impõe novas necessidades de ensino e aprendizagem. "Ensinar não pode ser padronizado. Cada pessoa tem suas particularidades, e cada segmento também. Haverá uma maior integração de conhecimento e negócios", observou.

Ele também detalhou o funcionamento da parceria com a ABIMED, que irá sugerir quais cursos e temas podem ser explorados. "Não trabalhamos como uma faculdade, e sim em um ecossistema de escolas em Brasil, Portugal, Espanha e Estados Unidos. Vamos até o cliente, entendemos suas necessidades e criamos uma estratégia, com uma instituição de ensino credenciada no Ministério da Educação", explicou. Nesse sistema, alunos têm mais protagonismo, autonomia e são incentivados a enxergar o estudo como uma tarefa de longo prazo. "Estamos na era do lifelong learn e do self learn. Educação não é linha de produção em série", defendeu.

PROFISSIONAIS DE HOJE E DE AMANHÃ

Se as parcerias com o SENAI CIMATEC e com a Leandro Morilhas Soluções Educacionais olham para o primeiro grupo, o segundo é o alvo da iniciativa Todos Pela Educação. Segundo Fernando Silveira Filho, presidente da ABIMED, o conceito de iniciativa circular se baseia no fato de que, além de se dedicar diretamente à educação continuada dos profissionais, a ABIMED também investirá na educação básica. "Trazemos com isso uma aborda-



gem socialmente responsável, ajudando a corrigir desigualdades e aumentar as potencialidades do Brasil. Estamos mirando em um padrão mais elevado no ensino médio, de onde sairão os profissionais da saúde dos próximos anos", ressalta.

Atuando desde 2005 na melhoria do ensino básico público, a Todos Pela Educação foi representada pelo seu gerente de Relações Institucionais, Rogério Monaco. A tarefa de fomentar e sustentar a excelência na escola pública parece distante para muitos, mas transformá-la não é só possível, mas também necessário.

"As crianças e jovens precisam aprender a aprender. A educação básica pode transformar o país e nos preparar para as economias do futuro: verde, tecnológica e do cuidado, que inclui o setor da saúde", disse Monaco. "É nisso que acreditam os apoiadores do Todos Pela Educação. Somos um movimento mantido por doações da sociedade brasileira, e nossos especialistas produzem estudos, pesquisas e dados, que se tornam políticas públicas e ajudam a qualificar o debate sobre a educação no Brasil", afirmou.

O convite para que empresas associadas à ABIMED juntem-se ao Todos Pela Educação uniu tanto informações alarmantes quanto a esperança. "A educação regrediu a patamares de 20 anos atrás com a pandemia, e por isso precisa ser prioridade política. E para isso precisamos desfazer mitos sobre a educação pública, como a ideia de que é impossível oferecer qualidade para todos ou que o passado era muito melhor e não temos solução. A situação está mudando e melhorando, e boas políticas públicas transformam rápido e para valer", disse, apoiado por uma série de dados. Mas, para tanto, é preciso ter os olhos no futuro: a educação, lembrou ele, é um projeto de longo prazo, que afeta toda a sociedade.

ASSISTA NA ÍNTEGRA O EVENTO DE LANÇAMENTO NO CANAL DO YOUTUBE DA ABIMED

SALÁRIO DIGNO E SAÚDE MENTAL: POR QUE SE ENGAJAR?

Estudo publicado pela FGV apresenta elementos que justificam a importância do engajamento do setor empresarial no pagamento de uma remuneração adequada às demandas dos trabalhadores

SAÚDE MENTAL, REMUNERAÇÃO ADEQUADA E ENGAJAMENTO EMPRESARIAL SÃO OS PONTOS CENTRAIS DO ESTUDO REALIZADO PELO PROFESSOR MÁRIO SPINELLI, da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV EAESP). O artigo apresenta elementos que justificam a importância do engajamento do setor empresarial no pagamento de uma remuneração adequada às demandas dos trabalhadores e em questões de saúde mental.

Sob o título "Salário digno e saúde mental: por que se engajar?", a publicação ressalta que diversos estudos demonstram insuficiência salarial na subsistência de trabalhadores. Além disso, aponta o aumento de transtornos mentais ocasionados por questões econômicas.

Spinelli entende que as empresas devem ser cobradas no âmbito de tais questões. Defende ainda o acesso dos trabalhadores a temas voltados ao bem-estar, e destaca a carência na remuneração para a criação da chamada reserva de emergência.

COALIZÃO

O Movimento Salário Digno, da Rede Brasil do Pacto Global da Organização das Nações Unidas (ONU), tem essas questões como um ponto central de suas preocupações. Ele busca formar uma coalizão de empresas que assumam, até 2030, o compromisso público de estabelecer metas relacionadas ao pagamento de um salário digno e ao cumprimento de compromissos de ações relacionadas à saúde mental.

Este tema também é abordado com afinco na pesquisa. O autor ressalta fatores como excesso de trabalho, jornadas inflexíveis, bullying e o risco de desemprego como gatilhos para eventuais transtornos. Aponta, ainda, um crescimento no número de suicídios em 54 países após a crise econômica de 2008, com um total de 4.800 mortes a mais do que a média usual de anos anteriores.

Quando o que se recebe como contraprestação ao trabalho é insuficiente para atender às necessidades familiares, os transtornos de ansiedade e depressão ficam ainda mais frequentes. A OMS destaca o Brasil como o país com o maior número de pessoas com transtorno de ansiedade em todo o mundo, de acordo com o artigo. Tais dados estão diretamente relacionados a dados recentes do Banco Mundial, que demonstram o Brasil entre as dez nações com a maior desigualdade de renda do planeta.

Pensando na conexão entre salário digno e saúde mental, o estudo provoca um debate ao relacionar o papel das empresas na redução da pobreza e da desigualdade social. Dessa forma, passam a assumir um protagonismo que até então era restrito ao poder público.

Nesse sentido, Spinelli buscou apresentar elementos suficientes para justificar a importância do engajamento do setor empresarial no pagamento de uma remuneração adequada às demandas dos trabalhadores e de seus familiares.

"As empresas precisam estimular discussões permanentes sobre a questão, fomentar a elaboração de planos de ação para construir um ambiente de trabalho saudável e produtivo, oferecer apoio especializado para aconselhamento e atendimento aos trabalhadores, organizar campanhas para reduzir estigmas e preconceitos em relação a transtornos mentais e promover ações de melhoria da qualidade de aspectos ligados a questões psicossociais", avalia Spinelli.

Acesse o estudo completo em ***https://sistema.bibliotecas.fgv.br***

SAÚDE INCLUSIVA

Paraplégico há cinco anos, o empreendedor Vitor Hugo Quadros pratica esportes radicais, abre empresa com produtos para pessoas com deficiência e torna-se um exemplo de superação

QUEM ACHA QUE CADEIRANTES NÃO PODEM SER EMPRESÁRIOS, nem fazer wakeboard, paraquedismo, motovelocidade, skate e musculação, não conhece o paulista **Vitor Hugo Quadros**. Com 27 anos, e há cinco paraplégico depois de um acidente de moto, o jovem é empreendedor e pratica todas essas modalidades esportivas, mesmo tendo que fazer o cateterismo intermitente, isto é, o uso rotineiro do cateter para esvaziamento da bexiga (cerca de seis vezes ao dia). Devido à lesão medular, sua bexiga passou a não mais indicar a necessidade de urinar. Mas isso nunca o impediu de fazer tudo que tivesse vontade de fazer.

Vitor mora sozinho e é totalmente independente. Passou a nadar e a praticar esportes radicais, sua grande paixão, somente depois de ficar paraplégico. Ele é um dos dois únicos brasileiros cadeirantes a saltar de paraquedas. Ainda este ano, forma-se em uma das escolas de paraquedismo de Boituva, em SP. “Sempre gostei de adrenalina”, diz Vitor, que já fez dois saltos de instrução e mais de quarenta em um Túnel de Vento, que simula a experiência.

Formado em engenharia mecânica, está adaptando sua moto para o uso como cadeirante, mudando os comandos de troca de marcha dos pés para as mãos, e há dois meses passou a praticar motovelocidade. “É o meu esporte favorito e eu ainda ando em motos normais, sem trocar de marcha. Mas é muito caro, e competir depende de patrocínio”, conta.

Há dois anos, quando usava um cateter convencional (mais rígido e não lubrificado), ele teve o chamado “falso trajeto”, quando o produto fura o canal uretral. Pela falta de sensibilidade na região, Vitor não sentiu dor, nem percebeu que o cateter não estava fazendo o trajeto correto. Em decorrência da gravidade da situação, passou por uma operação de urgência para retirar o cateter e, por 21 dias, usou uma sonda de demora (que fica instalada dentro do corpo para esvaziamento contínuo da bexiga durante o período de recuperação do canal uretral que foi machucado).

Depois dessa experiência, ele conheceu o cateter hidrofílico SpeediCath, após a visita em casa de uma enfermeira do programa Coloplast Ativa. “Ela me ofereceu uma amostra para experimentar e a diferença dele para o convencional é gritante. Por ser lubrificado e ter a ponta em gota, ele desliza e não machuca. É tão fácil, prático, rápido, eficiente e higiênico de usar, que eu nem encosto no cateter e faço até no carro, numa festa etc. Não preciso nem de luz, é só ter um lugar para a minha cadeira que tudo se resolve. Com a lubrificação, ele entra e sai

numa boa e facilita o meu dia a dia de uma forma que eu nunca pensei que pudesse vivenciar", conta Vitor. Ele acrescenta que nunca mais teve medo de sofrer um novo falso trajeto e pode trocar até na cama, à noite, sem precisar se levantar, como era antes.

TECNOLOGIA

"Mudei de um Fusca para uma Ferrari", brinca o jovem, que utiliza o modelo Compact Set, que já vem todo pronto para uso, incluindo o coletor de urina. "Não preciso mais de um banheiro, nem de coletor, lubrificante, xilocaína, álcool em gel para higienizar, nem gaze para as mãos, que era tudo de que eu precisava quando usava o cateter convencional. Com o cateter hidrofílico, posso focar no esporte e tirar o melhor de cada atividade que faço", reforça Vitor. O jovem se tornou embaixador Coloplast em 2020 e reforça o quanto sua vida mudou com a tecnologia: "As infecções urinárias acabaram e, por isso, a performance no esporte e a minha qualidade de vida aumentaram muito".

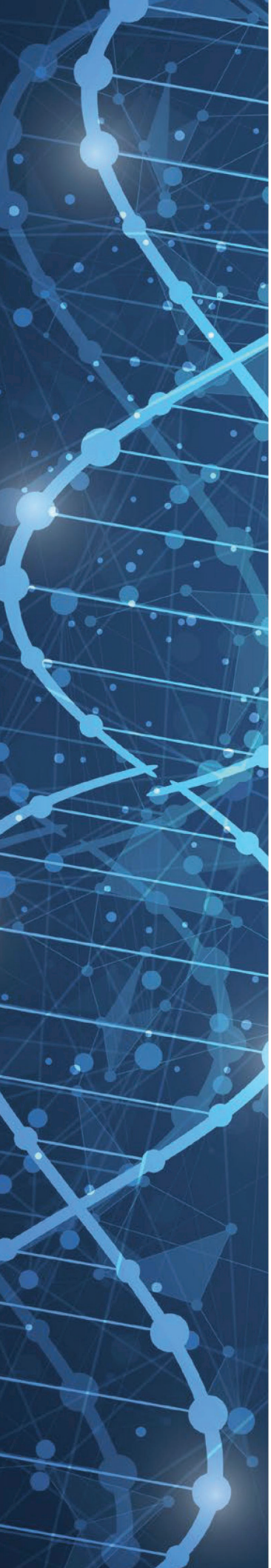
"Seu revestimento hidrofílico único e uniforme permite que seja pronto para o uso, não exigindo preparo prévio e reduzindo as chances de trauma uretral em até 55%", explica o urologista José Carlos Truzzi, que faz parte do Conselho de Continência da Coloplast (CAB — Continence Advisory Board). Truzzi também ressalta que o produto resolve uma das reclamações mais frequentes dos usuários: o desconforto na inserção do produto na uretra masculina. "Ao facilitar o uso, reduzir o risco de complicações e manter uma rotina saudável de gestão da bexiga, o cateter hidrofílico estabelece um padrão ouro no tratamento de disfunções miccionais", reforça o médico.

CONHECIMENTOS EM ENGENHARIA MECÂNICA O LEVARAM A CRIAR SUA PRÓPRIA EMPRESA, QUE DESENVOLVE PRODUTOS PARA DEFICIENTES

EMPREENDEDORISMO

Seus conhecimentos em engenharia mecânica o levaram a criar sua própria empresa, que desenvolve produtos para deficientes, como uma cadeira de banho portátil e um exoesqueleto sem motor: um equipamento de aço que permite aos cadeirantes ficarem em pé e, com a ajuda de barras paralelas, aumentar o equilíbrio e até mesmo dar alguns passos. O produto 100% nacional custa dez vezes menos do que o importado e foi todo desenvolvido e montado por Vitor, que apostou nesse ramo comercial há três anos.

Vitor também utiliza suas redes para mostrar que a paralisia não o fez parar de viver: seu Instagram vitor_eficiente conta com mais de 13 mil seguidores, e no YouTube, o Canal Eficiente, com quase 17 mil seguidores, traz diversos vídeos com Vitor praticando os mais diversos esportes radicais, além de dicas do dia a dia para quem é cadeirante (incluindo como trocar o pneu do carro). “Tenho uma vida livre: o meu trabalho, faço os meus esportes, vou a shows e festas de música eletrônica, tenho minha moto e meu carro. Minha condição nunca me impediu de realizar todas essas atividades, e o cateterismo limpo e seguro aumentou demais a minha qualidade de vida”, conclui.



CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO GESTÃO 2022-2023
Antonio Nasser - *Presidente do Conselho de Administração*
Patricia Frossard - *Vice-Presidente do Conselho de Administração*

Adriano Caldas
Bert Bender
Cristina Almeida
Eduardo Verges
Fabrício Campolina
Felipe Barreiro
Fernando Guerra
Guilherme Costa
Marcelo Dourado
Mariana Tolovi
Roberto Alvarenga

CORPO DIRETIVO
Fernando Silveira Filho | *Presidente-Executivo*
Angélica Marques | Gerente de Assuntos Regulatórios
Arianne Silva | Assistente de Comunicação e Marketing
Felipe Dias Carvalho | Gerente de Relações Institucionais e Governamentais Brasília
Jorge Roberto Khauaja | Gerente de Legal & Compliance
Mara Mayumy Yano | Gerente de Comunicação e Marketing
Mariana Serra | Assistente Administrativa Financeira
Tatiana Teixeira | Gerente Administrativa Financeira
Thaís Batista | Assistente Executiva

REVISTA Vi-TECH
Produção - Revista Medicina S/A - *www.medicinasa.com.br*
Direção do Projeto - André Ponce
Direção Editorial - Kelly de Souza
Projeto gráfico - YUCA ∘ Estúdio Criativo. *www.yucabrasil.com.br*
Edição e Revisão - Gabriele Ventura
Gerenciamento do Projeto - Daniele Matos
Supervisão - Lucas Uchôa
Fotografia - Getty Images
Colaboração - Agência EY

A revista **Vi-Tech** é uma publicação quadrimestral produzida por Medicina S/A, sob licença da ABIMED, Alameda dos Maracatins, 508 - 3º andar - Indianópolis, São Paulo - SP, 04089-001.
www.abimed.org.br

Envie seus comentários para c***omunicacao@abimed.org.br***
Para anunciar: Tel: ***(11) 5092-2568*** - Ramal: 203 | e-mail: ***comunicacao@abimed.org.br***

ABiMED
TECNOLOGIA. SAÚDE. VIDA.